

www.autoresespíritasclassicos.com



ARTIGOS

DOCTRINÁRIOS

ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

Amália Domingo y Soler em defesa dos postulados espíritas

Extraídos da obra
César Bogo - A Grã Senhora do Espiritismo

VI

Polêmica: Satã ou Deus

O início do grande prestígio alcançado por D. Amália Domingo y Soler na Espanha e em quase todos os países de fala espanhola, nos fins do século XIX e inícios do século presente, produziu-se com a famosa polêmica por ela sustentada com o ilustre sacerdote D. Vicente de Manterola.

A posição do prelado, proeminente no mundo político, nos arraiais da Igreja Católica Romana bem como no campo literário e, sobretudo, por obra e graça de seu reconhecido talento no campo da oratória, não apenas o fizera famoso no púlpito, — o seu território, — mas também nas assembléias políticas, tendo sido deputado pela hoste carlista tendo, ali, ganho a fama de "fogososo, apegado às idéias ultramontanas e dotado de indiscutível talento". (*)

(*) "Gaceta de Cataluna", 20 de setembro de 1880.

As idéias espíritas ganhavam mais e mais terreno; corria o ano de 1878,

e personalidades prestigiosas por sua inteligência e lucidez, aderiam às suas fileiras, dedicando-se entusiasmadas à elucidação das massas seja por escrito, seja oralmente, nas tribunas. Percebendo que o povo, subjugado pela ditadura da Igreja encontrava na doutrina espírita o hausto de liberdade por que sua alma ansiava, o clero voltava-se para o novo inimigo que punha em perigo a sua estabilidade na Espanha. Os mais destacados nomes do catolicismo se lançaram a campo, dispostos a lutar e destruir o que tinham por uma heresia, uma falsidade, adjetivando a doutrina de Kardec com as mais néscias qualificações.

El Comercio de Barcelona oferecia ao povo enfoques diversos, pois que o Ateneo Libre, inaugurara sua tarefa esclarecedora em sua Sección de Ciencias Exactas, com a discussão do tema: "A necessidade de nosocômios em Barcelona". No ato de inauguração dizia o seu presidente, Manuel de Lasarte: "O objetivo da secção será o estudo e vulgarização das ciências, que, em nosso país, lutam contra obsoletos preconceitos, com o grave inconveniente de dar a impressão de que sai de um fanatismo para cair em outro. Por exemplo, sair das mãos da Inquisição para cair nas do Espiritismo. Mesmo os cientistas, liberais por adesão, segundo se proclama, têm-se ocupado com o tema" .

Don Vicente de Manterola, por sua vez, iniciava uma séria campanha que o levava aos púlpitos das igrejas de Santa Ana e de Santa Mônica. Buscava ele através de todos os expedientes de sua alta dialética, demonstrar a todos os seus paroquianos e curiosos de toda a espécie que acorriam a ouvir-lhe as invectivas, que os fenômenos do Espiritismo se produziam, ele concordava, eram reais, mas única e exclusivamente por obra e graça de Satanás.

Nem bem chegam aos ouvidos de Amália o teor desses sermões e ela corre a ouvir o prelado. Retornando ao seu quarto, depois dos comentários travados com os amigos, senta-se à sua escrivaninha e prepara a refutação com febricitante ansiedade, procurando reter quanto possível os conceitos vertidos, para dar a cada um a sua devida resposta. Seu bondoso amigo, Luis Llach, animava-a a publicar aquelas refutações e tratou de encontrar o meio de por em andamento o propósito.

O jornal Comercio de Barcelona publicou seis artigos, em sucessivos números de suas edições de novembro de 1878. O primeiro artigo Amália

o intitulou com marcado sentido andaluz: Um voto de graças. Nele começa a se desenvolver o seu fino e sutil humorismo, uma dignidade e uma segurança dignos da mais cultivada pena. Diz:

"A escola filosófica espírita deve outogar-vos um voto de graças por vos haverdes convertido em propagandista da religião do futuro, pois que em varias ocasiões V. Reverendíssima converte os púlpitos das igrejas católicas em cátedras de Espiritismo. Com sua elevada inteligência não desdenhais de estudar detidamente as obras de Allan Kardec. Resulta que desse estudo nos ministráis com minúcias e detalhes, as primeiras noções da doutrina espírita".

O segundo artigo trazia por título Explicações e foi publicado exatamente quando o sacerdote parecia ter dado por findas as suas conferências, nas quais afirmava categoricamente, a presença de Satanás em todos os fenômenos espíritas. Enfatizava suas conclusões afirmando que "é impossível que as almas se comuniquem, pois que Santo Agostinho em seu grande livro "Suma Teológica", desenvolve convincentes arrazoados, através dos quais fica demonstrado que as almas separadas do corpo não podem relacionar-se com os homens da Terra".

Amália defende os princípios da doutrina apoiando-se, segura, na obra kardecista e esclarece meridianamente cada um dos pontos mais importantes da exposição do sacerdote.

E a campanha, como se julgou, não estava finda.

"Torna a voltar" é o título do terceiro artigo e só ele basta para dar uma idéia do que se passou. Ao que tudo faz supor Manterola se encolerizou pois que Amália escreve na nota aludida, com toda a seriedade e altivez:

"O cultivo da linguagem escoreita, limpa, fixa e confere esplendor. Quando V. Reverendíssima apostrofa e impreca os espíritas, chamando-os ladrões sacrílegos, malvados, maliciosos, nefandos, hipócritas, ímpios e outras belezas deste estilo, não dais a impressão de que sois um ministro do Senhor e simplesmente um homem que se impacienta como os demais. Um sacerdote de Cristo deve ser mais doce, mais persuasivo, mais tolerante. Crede V. Eminência, Senhor de Manterola: "um homem dotado de grandes conhecimentos, como é o vosso caso, não deve nunca descer ao terreno dos insultos para convencer. Deixai esse pobre e inútil recurso às inteligências vulgares, não sede ingrato para com a Providência que

vos concedeu inspirações e memória bastante e suficiente para engalanar vossos discursos, sem necessidade de proferirdes frases ofensivas".

Como o gato que brinca com o rato, sem perder sua sinceridade e seus movimentos graciosos, continuou rebatendo os pontos salientes de toda a argumentação de Manterola. "Vamos seguindo", — diz Amália em sua quarta nota que se inicia com esta risonha frase:

"Sigamos ambos nossa tarefa, o senhor em seu duplo trabalho de ALICERÇAR e destruir o Espiritismo, nós outros restabelecendo a verdade quando percebemos que, nas asas de sua ardente fantasia, desfigura as obras de Kardec, a ponto de se tornar difícil reconhecê-la".

"Explicações" e "Com os olhos fechados" se intitulam os dois últimos artigos desta primeira série que se constitui em seis. Pareceu estar encerrada a polêmica que manteve em suspense os leitores barceloneses durante um tempo que pareceu ditado pela prudência.

Mas, eis que um senhor, assinando-se com as iniciais de D. J. B. y P. faz sua aparição em artigos estampados em La Revista Popular, números 21 e 28 de novembro e 5 e 12 de dezembro, assumindo a defesa de Manterola e retornando ao assunto.

Amália, que supunha estar terminado o duelo, volta a esgrimir a pena, em favor da mesma causa. Vê-se impossibilitada de estabelecer polêmica. Na Gaceta de Cataluna é publicado sem reбуços:

"Diz-se, e é muito certo, que da discussão nasce a luz. Mas, como vós, incógnito campeão do senhor Manterola, ao defenderdes o grande orador sacro, agis de maneira indigna e empregais em seu linguajar o insulto epigramático — terreno resvaladiço em que não desceremos jamais, — entre vós e nós outros não cabe a discussão. Discuti em momento propício a filosofia com argumentos filosóficos, a razão empregando a razão, a ciência com dados científicos, a política com reflexões políticas, porém nunca a burla torpe com a prudente moderação.

"Com os aludidos artigos, demonstrando o espírito preponderante do jornal que vos dá acolhida, criais visões falsas na opinião pública". Amália oferece as explicações pertinentes, como prometeu, sem todavia descer à liça em que o seu oponente colocou a discussão, intitulando-a, entre outras coisas, com velhacaria e malícia, "A professora de Manterola" .

A tática limpa e sadia de Amália obtém um grande triunfo pois, ocorrendo o fato propício de a publicação que dava acolhida aos seus artigos não ser de tendência espírita, sendo os seus leitores de todas as correntes idealistas, a altura em que ela põe em sua mira, a firmeza de seus conceitos e o volume de documentação sólida, que apresentava em seus rebates ... era una cosa seria!

Sete artigos se sucederam: "Uma réplica", "Algo é algo", "Sempre o mesmo!" "Continuação", "Hoje como ontem!", "Quem admitirá?" e "É quase impossível!" são a tônica dos itens que foi desenvolvendo a heróica escritora para deixar bem esclarecidas as questões que o senhor incógnito, como denomina o seu desconhecido contendor, desejava pisotear com ironias despropositadas em uma defesa que pouco benefício trazia ao próprio defendido, neste caso o orador Manterola. Por esse motivo a própria Amália toma a seu encargo dizer que:

"Apreciando pelo grande valor, o talento e a erudição que tem o grande orador católico, que sem tréguas nem descanso defende o seu ideal, bem sabemos que esse mestre em teologia não necessita de preceptores, que sua inteligência lhe basta e até sobra, que muito bem compreende o Espiritismo, que o estudou profundamente e, por isso, combate com febril denodo, pois que... quanto maior e transcendental é uma idéia, mais adversários encontra, permitindo que se possa julgar de sua importância pela violência dos ataques que lhe são dirigidos, somos bastante racionais para não nos supormos com suficiente cabedal para servirmos de orientadora a espíritos tão avantajados como o do senhor Manterola pronunciou em maio de 1877, no púlpito da pequena igreja de mestres e nem tão pouco de certa espécie de defensores.

No dia 9 de fevereiro, se encerra o debate com o incógnito D.J. B. y P.

Mas não chegara ao fim o que gerara o assunto. O senhor Manterola pronunciou em maio de 1877, no púlpito da pequena igreja de San Antonio dei Prado, de Madrid, alguns sermões contra o Espiritismo.

O Visconde Torres Solanot, que os ouvira, convidou o sacerdote a discutir o assunto valendo-se da imprensa. Recebeu uma olímpica resposta, segundo a qual:

"O predicador evangélico não tem absolutamente de descer da cátedra da Verdade, ao veículo da imprensa cotidiana. Sua palavra é a palavra

divina, é livre e não pode sofrer coação nem ser discutida, visto que... a palavra de Deus é absoluta.

Mas não acha inconveniente em informá-lo de que estava escrevendo um livro acerca dos erros do Espiritismo e tão pronto estivesse impresso teria... grande prazer de reservar-lhe o primeiro volume".

Este fato ocorreu em maio de 1877, e o livro não pode ser impresso com a brevidade que se esperava, mas... "com a graça de Deus estará impresso dentro de poucos dias". Só veio à luz, entretanto, em 1879, no mês de maio. Trazia o pomposo título de El satanismo, o sea la cátedra de Satanás combatida desde la cátedra del Espíritu Santo.

O lançamento do livro convida imediatamente Amália à réplica, que foi publicada na Gaceta de Cataluna, La Publicidad e mesmo em Luz del Porvenir. Quando esta faz a sua aparição, pouco depois do livro ter sido posto à venda.

A polêmica ganhava aspectos singulares. Convém que se deixe claro que o texto do livro foi conhecido primeiramente em fragmentos pelo processo de folhetins entregues de porta-em-porta. À medida em que iam sendo distribuídos, Amália os refutava de uma maneira inesperada e que fez história nos anais do Espiritismo, e mesmo das discussões de idéias.

De uma parte o teólogo eminente procurava demolir a estrutura doutrinária espírita. De outra, uma humilde escritora que, começava a brandir suas armas no jornalismo, buscando aparar os golpes, devolvendo-os um a um e por tabela, explicando os seus próprios pontos de vista ao grande campeão da palavra.

Empregando a dialética, explica-se com detalhes em momentos emocionantes. O leitor arrebatava-se ao ser levado a participar de uma troca de conceitos da mais transcendente importância.

Da questão Manterola-Amália, numerando apenas os artigos desta última, reunidos aos seus rebates ao incógnito senhor D.J.B. y P., e ainda um prefácio da autora, o editor Torrente compôs um volume de 300 páginas no formato do La Luz, com a explicação de que... Em suas páginas se encontra a verdade e a verdade deve ser conhecida por todos..."

O primeiro exemplar foi dedicado por Amália a seu grande amigo, o senhor Llach, com uma dedicatória autografada que dizia:

"Luis, tu que foste o iniciador desta refutação, tu que tanto te preocupas

com o desenvolvimento de meu espírito e pelo engrandecimento do Espiritismo, aceita este livro em prova de meu fraternal carinho e de minha profunda gratidão".

Amália Domingo y Soler

Gracia, 26 de julho de 1880.

A casa editora Maucci, de Barcelona, tornou a editar, trinta anos passados, esta mesma obra em um volume de 458 páginas, com cuidadosa apreciação gráfica. Esse livro se encontra esgotado, há muitos anos. Mereceria uma reedição (*) pela magnífica lição que oferece e a medida do quilate espiritual de sua autora.

(*) *O "Ateneo de Propaganda Espírita Allan Kardec", de Avellaneda, iniciou em parte essa tarefa, editando em folhetos os primeiros artigos dessa obra, com promessa de continuar em sucessivas edições, apresentá-los. Intitularam-na "Réplicas de Amália". Em 1966 a Editorial Kier fez uma reedição fac-similar do livro de Maucci.*

Não nos seria possível aqui, dado o volume dos dois textos, seguir passo a passo suas interessantes fases. Mas extrairemos, para que se tenha uma pálida idéia, pequenos passos tomados aqui e ali, para que se tenha ao menos a impressão esquemática das proporções da discussão travada então.

Empregaremos um processo livre e original: o diálogo: (*)

(*) *Os argumentos do sacerdote, que vão ser transcritos, já foram extratados por Amália do volumoso livro "O Satanismo". Aqui terão de sofrer novos cortes embora sejam conservados sem nenhum retoque de qualquer espécie, motivados pela necessidade de espaço. Mas, para compensar, o mesmo é feito com as motivações de Amália, das quais tomaremos sucintamente suas próprias palavras e sem retoques, o parágrafo que conteste o extraído, de modo que não haja imparcialidade no diálogo assim elaborado, visto que se pretende oferecer o clima criado e um resumo estrito, leal e verdadeiro do singular duelo. Por esse motivo diz-se que este diálogo será original e elaborado de uma maneira especial.*

Manterola: — Admitimos que ocorrem os fenômenos extra-naturais; que esses fenômenos não se explicam se não os atribuirmos a uma causa inteligente. Qual é essa causa? O espírito ou a alma do morto que evocada em uma sessão espírita? De modo algum! Respondo contestando

negativamente. Pois então, quem é o agente? Que inteligência é essa que responde? Eliminados os casos de superstição, que não são poucos, e uma ou outra alucinação, se a resposta é dada pelo mundo invisível dos espíritos, quem responde é seguramente um anjo mau, o espírito caído, é Satanás.

Amália: — (Contesta com uma frase textual de "O Livro dos Espíritos"): Como poderemos acreditar que Deus permite ao Espírito do Mal que se manifeste exclusivamente para perder-nos, sem dar-nos como antídoto os conselhos dos Bons Espíritos? Se não o pode fazer, é impotente e se pode fazê-lo e não o faz, isto é incompatível com sua bondade; e tal supor seria uma blasfêmia. Observai que, admitida a comunicação dos Espíritos maus, se reconhece o princípio das manifestações e, posto que existam, só podem realizar-se por permissão de Deus. Como poder-se-ia crer sem incorrer em impiedade que Deus permite o Mal com exclusão do Bem? Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do senso comum e da religião.

Manterola: — Com insistência se diz em "O Livro dos Espíritos", contendo a filosofia espírita, que nas reencarnações dos espíritos podem estes permanecer estacionários, porém nunca retroceder. Isso quer dizer que o espírito vai sempre melhorando, vai sempre se aproximando de Deus. Pois então, o que fazemos aqui? Por que então não nos despojamos desse apego à vida? Por que não nos damos pressa em nos libertarmos do enorme peso de uma triste existência, de desventuras, plena de terríveis angústias e amarguras, quando não temos, — segundo a escola espírita, — a segurança absoluta de que em uma nova encarnação haveremos de ter uma existência nem mais triste nem pior do que a atual? Oh! Irmãos, eu vos asseguro. Deus nosso Senhor me estenda suas mãos e jamais retire de minha mente a tocha luminosa da fé. No dia em que eu me tornasse espírita, eu vos asseguro, seria aquele o dia em que eu teria deixado de existir. Que me importaria. a pena da morte? Por que preocupar-me com o juízo dos homens se os homens permanecerão aqui, neste globo, enquanto meu espírito planaria por regiões desconhecidas, com a segurança de que a lei do progresso se cumpriria fatalmente? Senhores, isto é muito grave, é horrivelmente grave. Talvez não tenham meditado nisso suficientemente os que, atraídos por idéias supostamente científicas, deram os seus nomes

a centros espíritas.

Amália: — Ah! Senhor Manterola, V. Reverendíssima não diz o que sente ou lê... ou não estuda o assunto. O Espírito progride sim, porém à força de trabalho e não abandona a Terra, às carreiras... como diz que o faria se fosse espírita. Que idéia faz a tal respeito? Que com o sairmos de um mundo violento, sem terminar as provas pedidas ou que nos foram impostas, iria o nosso espírito, em seguida, vagar por regiões desconhecidas, dizendo: eis o fim de tudo! Ah! Senhor Manterola, V. Eminência merece de nossa parte um excelente conceito e nos negamos a supor que credes em semelhante absurdo. Se a cada um é dado conforme as suas obras, — que preço tão justo! — que louros pode conseguir aquele que não se resigna a trabalhar e a sofrer? A dor é o motor da Humanidade, disse um grande pensador e todo aquele que, como V. Eminência, pretende tentar escamotear com essa lei, não conseguira prosseguir, no sentido fatalista que empresta a essa palavra. Progredirá fatalmente ao impulso dos acontecimentos desagradáveis que lhe proporcionam sua própria negligência e sofrerá milhões e milhões de provas. Sofrendo, aprenderá a ser bom. Na escola espírita não é admitido o Maktub, estava escrito, dos maometanos, nem a graça. Ficamos com a justiça"!

As definições, as explicações correm ao largo de todo o livro, em correnteza, a vuela pluma, como a própria Amália costuma dizer e com grande segurança, vão deslizando, sem intermitências.

Quando faz falta, em momento oportuno, o texto, nada acrescenta, forçadamente. Vão consignados os parágrafos adequados dos textos da própria doutrina.

Não cabia outro critério quando se tratava de defender um princípio doutrinário. Nada melhor que apelar, de modo eloqüente e devidamente, à própria fonte, assim como os sacerdotes recorriam aos livros sagrados.

Sigamos, está claro, saltando períodos, mas extraindo razões e desarrazoados.

Manterola: — Aqueles que sinceramente buscam a piedade, sabem infalivelmente onde encontrá-la. Deve ser vítima de alucinações horríveis ou de grandes misérias morais, quem se deixa prender a essa mística satânica, a essa ciência ridícula, absurda e perversa. Mesmo considerando que os objetivos de alguns pobres loucos possam ser bons, vítimas de

Satanás, do qual são instrumentos, não deixam de ser criminosos. Satã deseja ser adorado. As práticas supersticiosas que deploramos em suas mais diferentes formas e em aparências, muitas vezes honrada, tende sempre, tal como sucede agora, à adoração de Satanás.

Amália: — De que forma, perguntamos nós, adoram os espíritos a Satanás (Supondo-se que este exista)? Que formalismo ridículo, que cerimônias extravagantes, que templos misteriosos temos nós para celebrar esses concilábulos, a que ídolo rendemos culto, que vítimas e em que altares sacrificamos ao nosso deus infernal?...

(Segue-se uma excelente exposição de princípios em uma síntese sem par). Mais adiante, lemos:

Manterola: — Não pretendam os espíritas que, por deferência ao seu talento e saber, os espíritos que com eles se comunicam alterem a igreja de Deus a casa-forte doutrinária cujo desprezo lhes é recomendado. Ela continuará ensinando a diferença entre os santos anjos e os anjos caídos. Sempre e constantemente combaterá toda prática supersticiosa, condenando a magia antiga e a magia moderna, em quaisquer formas que se apresentem.

Filhos da luz descobrimos horizontes iluminados. Vamos com segurança caminhando na Terra, pois que não perdemos de vista a estrela que nos dirige ao céu. Possuidores dos mistérios de Deus, na medida em que Sua Divina Majestade se dignou comunicar-nos, criou-se em nós uma espécie de instinto sobrenatural, uma como que clarividência maravilhosa em meio às trevas estendidas no mundo. E explicamos satisfatoriamente as revelações que obtêm os sectários do Espiritismo.

Não, não são os bons espíritos que respondem às evocações modernas. Porque, ao fazê-lo, se declararíamos em rebelião franca contra Deus, conforme temos demonstrado?

Amália: — O que deixa perfeitamente demonstrado ao senhor de Manterola é que a igreja Romana é orgulhosa como não mais poderia sê-lo. Assim, pois, os seus sacerdotes têm uma espécie de instinto sobrenatural, uma clarividência maravilhosa em meio às trevas estendidas no mundo!

Terão adquirido essa clarividência maravilhosa com o fogo das fogueiras da Inquisição, e, posteriormente, na Espanha, com os incêndios

da guerra civil? Lógica, senhor Manterola, tende mais lógica e não chamais iluminados de Deus homens que matam outros homens seus irmãos. Recordai o Decálogo que bem claro diz: "Não adulterareis"; "Não furtareis"; "Não direis falsos testemunhos contra o próximo". É dessa espécie de instinto sobrenatural, que se serviu à Igreja Romana para sacrificar os sábios como sacrificou Giordano Bruno?

(Em outra página lemos.)

Manterola: — Façamos constar que os espíritas não estão isentos de pecado porque, ao fazerem suas evocações, se abstêm de sacrificar crianças e derramar licores para honrar seus deuses. Isto poderá provar que os espíritas não cometem todas e cada uma das maldades que são mencionadas no capítulo XVIII do Deuteronomio, qualificadas de abominações aos olhos do Senhor. Mas, entendei que todas estas coisas, não algumas somente, todas elas, e entre elas inquirir dos mortos a verdade, foram reprovadas com ênfase divina e exemplarmente castigadas, mesmo entre os povos gentílicos, visto serem intrinsecamente más, sem que a bondade do objetivo possa justificá-las por quaisquer meios.

Amália: — Como, senhor Manterola? Não conformais vossa opinião à de Santo Ignácio de Loiola, que dizia a seus discípulos que os fins justificam os meios? Acreditais que aquilo que é intrinsecamente mau é sempre mau, e que a Bondade Ilimitada seja impotente para justificar os meios? Então vós vos converteis à escola ultramontana (*) e vos converteis em vosso próprio acusador.

() Ultramontanismo — Sistema que preconiza a autoridade absoluta do Papa em matéria de fé e disciplina. Defende a doutrina da autoridade papal, pugna pela concentração do poder eclesiástico nas mãos do sumo pontífice e procura tornar o Catolicismo uma força essencialmente política, quer pela oposição à nacionalização da Igreja, quer pela intolerância relativa às outras religiões.*

Se a bondade do objetivo não pode justificar os meios, como podereis santificar todos os horrores cometidos pela Inquisição? Sua finalidade era supostamente boa, segundo pontifica a Igreja Católica, pois o que objetivava era que todos os homens adorassem a um mesmo Deus. Querendo dar cumprimento ao adágio, segundo o qual... Ia letra com sangue entra... D. Isabel, a Católica, levada por seu fervoroso zelo e

aconselhada por seu confessor, o inolvidável Torquemada, solicitou ao Papa uma bula para o estabelecimento da Santa Inquisição em seus Estados. Expedida a autorização foi instituído o Santo Tribunal, em 1481, e apenas no primeiro ano de suas funções, foram queimadas mais de mil vítimas em Andaluzia. Milhares de cadáveres foram desenterrados e entregues às chamas; dezessete mil pessoas foram multadas ou condenadas à prisão perpétua. Foi um salva-te se o puderes, geral. Torquemada, revestido das funções de Grande Inquisidor, de Castela e Leão, marcou a sua carreira pela sua ferocidade.

A obra de Manterola, como já foi dito, era publicada em folhetins e entregues domiciliarmente, sistema muito empregado na época para a compensação econômica dos trabalhos muito extensos. Quando o material da mesma foi se aproximando da metade, as entregas foram se tornando cada vez mais espaçadas.

Amália não se mostra surpresa e intitula uma ingeniosa fábula aos desesperados esforços feitos pelo sacerdote por defender uma causa perdida. E isso vem comentado no artigo de refutação, em que se encontravam as três publicações aludidas.

A medida em que apareciam os fragmentos, aumentados e corrigidos para disfarçar o estilo da oratória, a dinâmica andaluza contestava sem pausa, chegando a completar quarenta e seis artigos em um lapso de tempo que vai de 5 de março de 1879, até abril do ano seguinte.

Por estas alturas a polêmica parece ganhar um outro defensor de Manterola, pois que o periódico La Academia, publica um artigo em que são mencionadas as notas publicadas por Amália na Gaceta de Cataluna, "fazendo gala de especial erudição e talento acerca do Espiritismo", lamentando ao mesmo tempo que "não se tivesse escolhido assunto mais simpático e ameno, e sobretudo, mais próprio de seu sexo, a fim de que brilhassem melhor suas notáveis faculdades". Anota o articulista quais devem ser os temas "próprios do sexo": o culto amoroso e pacífico das belas artes; o estudo das ciências, (Ainda que destoe um pouco do conjunto,) mas nunca, jamais, a teologia, "essa metafísica de Deus e da

alma, essa obscuridade que só ilumina a fé", coisa que deveria ser, — segundo o critério do periodista, fruto proibido de tão belo quanto débil sexo!

A dinâmica pena de Amália não deixa passar a provocação que pretende dar-lhe o periódico e, como que de passagem, encabeçando um de seus artigos da polêmica original, responde devidamente ao articulista e seus preconceitos... Segue em sua função de combater...

Manterola: — As comunicações de ultratumba que os discípulos da escola espírita obtêm; são dignas do anjo da bondade. Aliás, o que se pode esperar atribuído aos santos anjos? Não! Impossível! A que conduzem todas as revelações do Espiritismo, segundo aos temos compilados pelo seu grande profeta, Allan Kardec? A que? A destruição completa, radical de todos os dogmas católicos. Logo não é um anjo bom o autor das revelações espíritas. Não vos esqueçais de que me refiro aos católicos, para os quais a argumentação deve ser de força incontrastável.

Amália: — Faz bem, Senhor Manterola em se dirigir somente aos católicos, pois que somente os católicos ortodoxos poderão admitir como argumentação de força incontrastável, os argumentos que apresentais. Sim só aqueles que se deixam levar sem interrogações pelo credo romano, o qual, apesar de não haver encontrado por meio da Geologia e da Geografia nem o inferno nem o purgatório nas entranhas da Terra; nem na Astronomia os localizaram no espaço; apesar dessa negativa científica, os sacerdotes desentendendo-se por completo da ciência, seguem indiferentes sua predicação. O senhor é um deles. Cremos que não se devia dedicar à prédica para uns poucos, deveria falar a todos. Por isto nos dá tanto prazer a linguagem da ciência: porque sua predicação é universal.

Daremos um salto para outro momento polêmico.

Manterola: — O catolicismo é a verdade de Deus: logo o anjo de Deus não pode ser contrário ao Catolicismo. As manifestações espíritas contrariam-na aberta, radical, essencial e absolutamente. Logo não é o anjo bom o autor das respostas obtidas pelos sectários do Espiritismo. Dedicamo-nos a demonstração que realmente as doutrinas espíritas são revelações obtidas não de ultratumba, mas de quem, vem contrariar radical e completamente todo o dogma católico.

Amália: — O Espiritismo, senhor Manterola, não vem contrariar radical e completamente todos os dogmas católicos... Nem seu todo nem mínima parte serve de alvo à filosofia espírita para lançar acusações e anátemas. O Espiritismo não vem destruir nenhum dogma, de vez que eles se vão destruindo por si mesmos. O Espiritismo vem dizer: A verdadeira sabedoria do homem na Terra é saber sofrer; o homem se eleva por sua paciência e mansuetude, pois que a humildade é a delegação de Deus. Vem demonstrar que nenhuma religião fará crer que o vigário de Cristo na Terra deve vestir púrpura e arminho. A filosofia espírita não ataca a nenhum dogma. Não se queixe pois o senhor Manterola lamentando-se de que desejamos destruir o dogma católico. Entendei bem isto: A missão do Espiritismo não é destruir, não é lançar por terra nada do que existe. Não vem seguir as sangrentas nódoas marcadas pelas outras religiões, pois que todas, sem exceção, fizeram correr na terra torrentes de sangue que se mesclavam a rios de lágrimas.

Voltando à carga, o sacerdote diz em outra parte:

Manterola: — Os espíritos deixam-nos sem a Encarnação à força de infinitas reencarnações. E sem a Trindade, em virtude de sua estupenda trindade universal: Deus, espírito, matéria! Mas, por que nos queixamos se, não obstante, deixam-nos Deus, um deus bonachão, o deus imbecil do Epicuro, pois que eles sabem que não há penas eternas. Todos os dias dizem-lhes isto os espíritos. Por isso vivem tão tranqüilos, gozando de paz

inalterável. E vede como são inúteis as revelações dos espíritos. Servem-nos, é certo, como diz Allan Kardec, para auxiliar-nos a alcançar um conhecimento gradativo das coisas. Mas, prestam-se a retirar do Espírito humano o temor à Divindade. Não estão com tarefa suficiente retribuída todos os trabalhos espíritas com a segurança que oferece de que não existe e nem é preciso temer o Inferno? Ah! não nos equivocamos ao julgar que este e não outro era o trabalho do Espiritismo!

Amália: — Por certo a finalidade do Espiritismo é dar a paz ao homem, porém não no sentido ironicamente intencional com que se expressa o senhor Manterola. O nosso Deus não é um Deus bonachão, o Deus imbecil de Epicuro e também não temos por regra de nossas vidas, a máxima de Epicuro: ... de que a vida deve ser uma festa na qual não figure a virtude senão como condimento do prazer e a temperança como meio de durabilidade..." O Deus dos espíritas nem é um deus terrível, vibrando o raio vingador com a mão direita, — criadora e destruidora ao mesmo tempo, — nem o ídolo deformado que autoriza a desordem e deixa desenfrear o espírito. Nosso Deus é o Criador Onipotente que povoou o espaço com inumeráveis mundos de luz e que, fixando o seu olhar em um átomo do Universo, disse: "Faça-se a Terra e cresça nela uma raça dotada de razão, para que esta compreenda em seus dias, minha Lei, que é a do progresso universal".

O sacerdote renova seus parágrafos dialéticos, que supõe serem capazes de aniquilar a doutrina em discussão.

Manterola: — Concordamos em que a alma do morto não tem capacidade natural para produzir esses efeitos, porém pode receber esta de Deus e pô-la em exercício. Logo é possível que seja a alma do morto. Por isso é que somos forçados a dizer que é Satanás. Deus pode conceder privilégios às almas dos mortos. Se considerarmos a questão de modo abstrato, é indubitável que Deus não pode fazê-lo, mas concretamente, conforme afirma a escola espírita, digo e repito que é absolutamente impossível que tal se faça. Não é filosófico dizer que Deus não pode fazer seja o que for, uma mesma coisa ao mesmo tempo sob o mesmo conceito.

O filosófico é dizer que a coisa em si é impossível e o contraditório não é, é nada, e certo é que quando Deus faz, jamais faz nada, sempre faz algo, e algo digno de sua grandeza soberana. Digo que isto é absolutamente impossível e darei a razão. Este privilégio que mencionais, seria um verdadeiro milagre. Perguntais se Deus pode dar à alma do morto a virtude de produzir milagres? Quem disse dúvida? Quem pretenderia cortar o braço onipotente do Senhor! Mas, na questão concreta que discutimos e debatemos, insisto em que é impossível admitir milagres entre os processos espiritistas.

Amália: — Quem diz que são milagres, senhor Manterola? As comunicações dos espíritos constituem simplesmente o resultado de leis naturais cujas manifestações, como a generalidade das pessoas não as conhece, dá-lhes o nome de fenômenos, que são muitas das ocorrências que neste mundo não têm nome próprio. Todavia isto não é um obstáculo para que a comunicação espírita seja um efeito lógico, causado pela própria em Vida.

E continua mais adiante a discussão no mesmo tom.

Manterola: — Este sistema, estes procedimentos, cujos resultados acabamos de analisar, respondem à glorificação de Deus? Deus é glorificado na propagação de doutrinas insensatas que, apoderando-se da Humanidade, tornariam impossível na Terra o reinado de Jesus Cristo, o conhecimento e o amor prático de Deus e toda noção moral no mundo? Eis aqui porque disse que a coisa em si é absolutamente impossível, porque Deus jamais contribuirá para a destruição de sua grande obra e não autorizará através de milagres, o erro e o mal, nem abdicará sua soberania, nem olvidará sua sabedoria e seu poder.

Amália: — Em que estaria pensando o senhor Manterola quando teve o valor de escrever que Deus jamais contribuirá para a destruição de sua grande obra, não autorizará com milagres o erro e o mal? Que Deus tão

mesquinho tendes vós senhor Manterola, que, como um simples mortal tratará de não contribuir à destruição de sua grande obra!

Quem pode destruir a obra de Deus?... Percebe-se que, apesar de possuir um grande talento, não meditou seguramente no que escreveu o senhor Manterola. Vossa Eminência foi mal inspirado. É realmente uma blasfêmia deicida o que tomaste como princípio. Destruir-se a obra de Deus!... Que representam os antagonismos dos homens? Que são as lutas das idéias? Que são a destruição de povos inteiros? Que representa a desapareição de um planeta ante a continuidade do infinito? Menos, muito menos do que um grão de areia perdido no mar. Que é a Terra na Criação? Um átomo que gira no espaço. E porque as formigas deste formigueiro lutam e se agitam isso torna fraca e enfraquece a obra de Deus em seus princípios indestrutíveis? Quem pode admitir um erro tão lamentável? E quem pode assegurar que a escola que afirma o sistema do nada, não existe, e prova que o espírito é a semente preciosa lançada por Deus, a qual nos tem dado vida para viver, força para progredir. Pode essa doutrina em lógica sadia destruir o sentimento de adoração inato no homem?

A estas alturas das circunstâncias, o senhor Manterola prossegue fazendo a entrega dos folhetins, o que, dantes, se fazia semanalmente. Mas, prossequindo o diálogo, foram-se espaçando, transcorrendo por vezes mais de um mês sem o aparecimento dos folhetins. Não obstante, o sacerdote não abandona o seu propósito e retorna à carga:

Manterola: — Para proceder com ordem e clareza em qualquer discussão, recomenda-se que nos limitemos agora a demonstrar que não são os bons espíritos os autores dos fenômenos espíritas. Intentar a demonstração e concluí-la, é tão fácil! E levar a convicção desta verdade ao ânimo dos que não estão cegos por uma lamentável preocupação.

Aceito em hipótese a classificação feita pelos espíritas e lhes pergunto: Os espíritos que respondem a vossas evocações são perfeitos ou imperfeitos? Se são impuros, levianos, portadores de falsa ciência, que se comprazem em explorar a credulidade do homem e conduzi-lo ao erro,

nenhuma fé merecem suas palavras. Pretendeis que as revelações que nos dais a conhecer provenientes dos espíritos em vossos livros convencionas procedem de espíritos bons? Mas, a esta vossa pretensão oponho a afirmativa contrária. Vede como intento demonstrá-la. Os espíritos puros, os espíritos perfeitos, não podem contrariar as ordens de Deus, não podem opor-se aos desígnios de sua Altíssima Providência. Não podem rebelar-se contra sua autoridade divina. Deixariam de ser espíritos puros, se acudissem sistematicamente ao chamamento piedoso que lhe faz o evocador? Pois que a simples razão de que essa evocação está terminantemente proibida pela santa lei de Deus, não pode por isso ser piedosa e sim inteiramente ímpia.

Amália: — Pondo de parte a apreciação de que a evocação espírita é piedosa ou grandemente ímpia, fixemos as duas linhas que afirmam que não são bons espíritos os autores dos fenômenos espíritas.

O senhor Manterola reconhece e declara voluntariamente que os autores dos fenômenos espíritas são espíritos: Não se trata pois de uma alucinação. Não se trata de superstição? (Falamos do espiritismo kardecista). Não é fruto de patranhas que em seu nome se executam. O senhor Manterola afirma que os fenômenos espíritas são produzidos pelos espíritos. Isto é claro como o Sol que, ainda quando o cobrem muitas nuvens, o sopro mais leve do vento entreabre as flutuantes capas atmosféricas e um raio do astro rei ilumina a superfície da Terra. Do mesmo modo a verdade, mesmo quando a envolvem com o espesso véu do sofisma, ainda quando cobrem o seu rosto o antifaz do imaginário, ao menor movimento a máscara deixa a descoberto a face real. Isto sucede ao senhor Manterola. Amontoa argumentos sobre argumentos e, por fim, reconhece uma causa inteligente operando nas manifestações espíritas, se bem que acrescente que são obras de Satanás. Oh! Suprema candidez teológica. Vossa argumentação é inútil.

Haviam-se efetuado a entrega de trinta e quatro El Satanismo, onde se publicam os arrazoados acima transcritos e o bom senhor Manterola não encontrara outro argumento mais sólido do que atribuir toda culpa a

Satanás. Não percebia que ao se manifestar, estava indo de encontro à própria tese que desejava sustentar. O motivo principal de seu ataque era dirigido de maneira a negar a possibilidade da comunicação com o Mundo dos Espíritos, tal como o Espiritismo ensina. Ao lançar mão de Satanás, uma força que, segundo o que acreditava era um sério oponente do próprio Deus, estava dando, de certo modo, razão à comunicabilidade com o Mundo Extracorpóreo. Amália duelava com argumentos mais sólidos e apresentava idéias, conceitos, exemplos e teorias que alcançavam grande altura no plano do raciocínio. O sacerdote, sem querer ou sem poder, entrara em uma polêmica na qual só podia, por sua posição eclesiástica, sustentar com o dogma e opor-se ao livre e franco exame, considerando cada uma das partes um pesado e convencional jogo de recursos e argumentos.

Em certas passagens o livro discorre da seguinte maneira:

Manterola: — Concordo convosco, efetivamente, que em séculos menos ilustrados que o nosso, quando se apresentavam fenômenos que não podiam, de maneira alguma ser explicados por meio dos conhecimentos científicos até então alcançados, e mesmo assim uns poucos, com facilidade excessiva os atribuíam à intervenção de Satanás. E que houve em muitas tantas falta de crítica tanto e quanto em outras havia sobra de boa-fé. E que nem tudo é histórico nas lendas com que o entusiasmo religioso embelezou as lendas dos heróis do Cristianismo. Não quero dizer que tudo quanto se chama Satanás seja Satanás, nem, que tudo que se tem por milagre, seja um milagre.

Amália: — E faz muito bem, senhor Manterola em afirmar que "não quer dizer que tudo se chama Satanás, seja Satanás, nem tudo quanto é chamado de milagre seja milagre". Sabeis, por experiência própria, que os fenômenos espíritas não são obra desse Lúcifer incriado. No entretanto deicida, — e que não nasceu, — deseja-se atribuir-lhe a revelação espírita, embora sabendo perfeitamente e com convicção, que são as almas dos mortos as únicas mensageiras que falam de um Mais Além.

Grave, solene, continua Manterola mais adiante.

Manterola: — Senhores e meus irmãos: Dominus non irridetur, ninguém impunemente ri-se de Deus. Disse o apóstolo Paulo: Patiens quia aeternem: é paciente porque é eterno, disse Santo Agostinho. Olhemos com saudável terror o que em nós inspira a ameaça de Deus. Observemos, irmãos de minh'alma, que a soberana justiça não deixará impune quem ri da eternidade das penas. Observemos, irmãos do meu coração, que não é prudente combater o dogma católico, pretendendo taxar de dogmático o que realmente não o é. Como supõe Allan Kardec, não é o dogma católico aquela infinita fileira de caldeiras, às quais de vez em quando o anjo do céu vem erguer suas tampas e comprazer-se com o infortúnio das pobres almas que ali estão tostando. Isto não é o dogma católico, sabiam-no Allan Kardec e sabem-no os espíritas. É preciso, antes, estudar o dogma católico, e para estudar é mister voltar a estudar um livro, por desgraça muito esquecido: o Catecismo da Doutrina Cristã. O dogma terrível, sim, mas grandemente racional da eternidade das penas consiste na crença de que as almas, que por rebeldia sistematizada se revoltaram contra a Soberania do Onipotente, que desatendendo e resistindo aos amorosos chamamentos da graça, preferiram permanecer e morrer distanciadas de Deus, distantes de Deus, ali permanecem por toda a Eternidade. Eis aqui o tremendo castigo, a desgraça máxima, a própria essência da condenação. Descedi te a me maledicti in ignem aeternum. No inferno, é certo, se padecem também pena de dores. E autores cépticos trataram de sensibilizar aquelas penas com imagens em que julgaram propiciar o maior bem às almas. E o próprio Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo não empregou também imagens terríficas para fazer nascer em nós o saudável temor e, por esse meio, subtrair-nos do pecado?

Com respeito ao purgatório, nem o lugar, nem a natureza das penas, nem o tempo de sua duração constituem o dogma católico: o dogma-católico consiste em crer-se que estas almas, separadas de seus corpos em graça de Deus, porém sem haver purgado suficientemente a penitência temporal de suas culpas, sofrem grande tormento. É este: verem-se distanciadas de Deus, bondade infinita, por quem aspiram com ardente e

constante desejo.

Recordemos o que foi anteriormente estabelecido. Isto é, que o espírito está ali, naquele ambiente, e compreenderemos que Satanás não necessita para, o seu tormento, de um lugar determinado. Ali, no íntimo de cada ser está o seu inferno. Irmãos de minh'alma, não olvidemos as palavras do apóstolo: o mais horrendo é cair nas mãos de Deus vivo, tanto mais horrendo porque Deus, misericórdia divina, nos há de julgar com a medida dessa misericórdia. Tremamos irmãos meus, tremamos. As graças de Deus, seus dons, favores e luzes e seus reiterados chamamentos hão de se converterem para nós no dia tremendo da eternidade, em argumentos que justificarão plenamente nossa eterna condenação.

Amália: — Já perceberam os nossos leitores como a Igreja católica, ou melhor dizendo, um dos seus mais dignos representantes destruiu o inferno que durante tantos séculos foi o terror da Humanidade. Pois, se com justiça nos diz o senhor Manterola que estremeçamos porque Deus nos há de julgar com a medida de sua infinita misericórdia, isso dá a entender que igualará seu castigo à sua bondade, e o espírito rebelde estará eternamente longe de Deus, se bem seja isso um absurdo lamentável, pois que, ante a vontade de Deus, o estacionamento eterno não pode existir. Contudo, o senhor Manterola deu um grande passo, esquecendo-se por completo do que disse outros grandes pais da Igreja, entre eles São Tomás de Aquino, que ensinava:

Os bem-aventurados, sem sair do lugar que ocupam, poderão, em virtude de seu dom de inteligência e clarividência, contemplar os tormentos dos condenados, e, vendo-os, não apenas não sentirão "qualquer piedade", mas, pelo contrário, "se encherão de alegria" e darão graças a Deus por seu destino pessoal, assistindo à terrível calamidade imposta aos ímpios... Estas palavras não necessitam comentários — anota Amália.

Um pouco além o senhor Manterola faz objeções à interpretação da fé que Allan Kardec apresenta em seus livros.

Manterola: — Allan Kardec fala da fé raciocinada e da fé cega, mas lastimavelmente confunde o sentido verdadeiro dessas palavras. O ato de fé é meritório e racional ao mesmo tempo. Meritório porque o entendimento humano se submete aceitando e crendo em uma verdade

que não compreende por deferência unicamente à autoridade relevante de Deus. Esse mesmo ato de fé, é grandemente racional, pois que a razão humana, estudando os motivos da credulidade da religião católica, que apresenta provas, a única que resiste à discussão, a única que dela sai vitoriosa, sempre e sempre triunfante, conhece que o dogma católico, que por sua natureza não pode ser evidente, é, todavia, evidentemente crível.

Para crer, não basta ver, é necessário acima de tudo compreender, diz Allan Kardec. O certo é o contrário, certíssimo com toda a evidência. Para fazer um ato de fé, é necessário não ver ou não compreender. Ver é compreender com a vista, compreender é ver com os olhos do entendimento. E quando se vê e se compreende, não se faz um ato de fé.

Mas, será um ato de razão, de maior valor do que todas as fés do mundo havidas e por haver?

Amália: — O senhor Manterola diz que para haver um ato de fé á necessário não ver e nem compreender. É lamentável que os crentes se tenham que converter em toupeiras. Diz um grande pensador que a fé é o pedestal de Deus. Que para se ter uma fé raciocinada necessita-se uma convicção profunda. Se Deus nos deu a luz, a claridade em tudo, porque há de estarem os homens cegos fiara nele crer?

Dando seqüência ao assunto, lemos:

Manterola: — Que mérito tem o homem em aceitar a verdade que se impõem por sua própria evidência? Allan Kardec é um homem de boa-fé. Necessitava ver e, além disso, compreender. E então, de que nos vale a fé?

Amália: — O que é a fé cega, senhor Manterola? De fato não nos faz falta pois que, desgraçadamente, por estar sob o seu domínio, estacionou-se a Humanidade.

Há muitos argumentos nas páginas 458 do livro de Amália, impossíveis de serem copiados para um extrato total, como o merece a obra comentada. Amália traz uma grande quantidade de dados e elementos à discussão, rebatendo complexos argumentos dogmáticos de Manterola e este diálogo torna difícil a seleção, pois, para que se mantenha em seu nível, Amália vê-se obrigada, muitas vezes, a superar com elegância a mediocridade com que se confunde o sacerdote, com sua postura estática, às vezes prepotente, condenatória às mentalidades que não aprovam suas remanejadas considerações. Manterola tem de lançar mão, freqüentemente, de cabriolas dialéticas para salvar em parte a situação que lhe foi criando aquela humilde mulher que sabe muito bem o que diz, que, em verdade não escreve tão bem quanto ele, pois não é letrada, mas que conhece o terreno em que pisa, não se deixa enganar, para isso servindo-se de princípios que poderão ser discutidos, porém com argumentações de peso e não com as imposições dogmáticas que só se referem a uma escola ou religião determinadas.

Parece que o sacerdote, em algumas ocasiões, se enreda em suas próprias palavras e chega a dizer, ao terminar algumas páginas que procuram denegrir os espíritas.

Manterola: — Antes de continuar combatendo o Espiritismo e antes de começar a condenar o Comunismo, (*), disse-me meus irmãos: Não será oportuno começar a condenar a nós mesmos, a nós cristãos, a nós, os católicos, que temos a presunção de ser fervorosos discípulos do Salvador?

() Não nos esqueçamos de que estas palavras foram escritas entre 1878 e 1880 e não em nossos dias.*

Seremos discípulos de Jesus Cristo? De que modo o seguimos? Em que o imitamos?

Amália: — Em nada, senhor Manterola. Em absolutamente nada. Tendes toda a razão.

Manterola ataca acerbamente o Espiritismo em outro passo, visto que este nega o pecado original, uma vez que, sem ele, — Assevera. — não se justifica a vinda de Cristo. Na exposição em que defende esse princípio, escreve:

Manterola: — No entretanto, importa fundamentalmente não confundir esse erro histórico, deixando bem assegurado o fato sobre o qual se alicerça o dogma da transmissão do pecado original, pois, suprimido o fato, o dogma desaparece. Suprimido o dogma não houve a queda. Se não houve queda, não houve reabilitação. Se não houve Adão, falta o caráter nobilíssimo de Adão, segundo Nosso Senhor Jesus Cristo e faltam os títulos de seu reinado no Universo.

Amália: — A Cristo, senhor Manterola, não faltarão títulos para reinar sobre a consciência de toda a Humanidade, em suas idades Passada, Presente e Futura. A Igreja Romana necessita da fábula de Adão e do primeiro pecado para apreciar em todo o seu valor, o sacrifício de Jesus? Cristo transcende o que pode ser necessário. Não lhe é preciso, para ser grande, a tradição do pecado original. Que pecado a mais necessitamos nós que o pecado universal de toda a Humanidade em todas as suas idades?

Prossegue o debate sobre o pecado.

Manterola: — Não basta reivindicar o dogma católico. Devo, agora, perguntar aos espíritas como irão conciliar a bondade e a sabedoria de Deus com a lamentável situação em que nascemos para viver neste mundo, pois que repugna à bondade, à sabedoria, à justiça de Deus, que nasçamos miseráveis pelo pecado cometido por Adão e Eva, no Paraíso. Quão contrário parecerão aos Divinos Atributos que o homem nasça e viva tantas e tão grandes misérias, quando não há pecado algum a ser

expiado?

(E não se fale em reencarnação, em existência anterior.)

Amália: — Podeis compreender a Vida, senhor Manterola, sem as existências anteriores, a reencarnação? Como explicais que pela falta de uma graça santificante, que, segundo o dogma católico, perdemos pelo pecado de Adão, haja tanta diversidade de padecimentos na Terra? Pois que a graça, nós a perdemos todos, sujeitos que estamos à pena de morte; e verdade! De quantas maneiras diferentes vivemos neste mundo, cada qual levando a sua dor.

E se todos pecamos de igual maneira, porque são tão diversos os castigos? E não se diga que o homem, segundo o seu procedimento, consegue criar para si mesmo um futuro, pois vemos as mais das vezes, que o homem mais honrado sofre as maiores atribulações. E não nascem surdo-mudos? E cegos? E idiotas? E seres malvados que, desde pequeninos, se comprazem em atormentar os animais, enquanto que outros meninos os acariciam? Como explicar-se isso, senhor Manterola?

O que dá continuidade ao mesmo tema, transcorre pela dialética de Manterola em um abstruso entendimento do dogma, em seus labirintos interpretativos e concepcionais. Por outro lado, Amália convida-o intermitentemente para que apele para fontes mais racionais, colocando a polêmica em um plano de realidade concreta, com exemplos vivos que nos possam dar estabelecimento lógico da questão. Todavia o cura prossegue envolvido em seus dogmas, e não sai disso senão para enredar-se cada vez mais em seus próprios conceitos, enveredando muitas vezes por encruzilhadas que fazem perigar seu cetro de homem, dialeticamente capaz.

Mais adiante toma por tema o panteísmo e embora gaste páginas e páginas dizendo que os espíritas são essencialmente panteístas, começa logo a conduzir o diálogo de tal maneira que adverte a estes que sua teoria leva insensivelmente ao mais perigoso panteísmo.

Manterola: — No mundo moderno todas as escolas que negam a divindade de Jesus Cristo, chegam até à negação de Deus, pois que todas

elas se dissolvem no caos do panteísmo. E sabido é que o panteísmo é o ateísmo disfarçado de Deus. Todo-Deus é sinônimo de Deus-Nada. Uma brilhante inteligência cristã escreveu nos séculos de antanho: Pluralidade de deuses é a nulidade de deus. Isto que se diz dos pagãos, é perfeitamente aplicável aos panteístas.

Amália: — Isto é muito bem aplicável é aos católicos, senhor Manterola, uma vez que estes, depois de adorar a sagrada família inteira, bem sabeis que levantaram milhões de altares a santas e santos, aos quais rendem um culto reverente. A uma porque é a advogada do impossível, a outra porque guia nos caminhos, e àquele por que livra da peste, àquela porque protege durante as tempestades, àquela outra porque cura as enfermidades dos olhos. E para todos os atos da vida terrena têm os católicos a quem encomendar-sé. Por essa razão são os crentes que menos compreenderam a Deus. Vós mesmo o dizeis, senhor Manterola. Vós mesmos o afirmais e com muito acerto: Pluralidade de deuses é a nulidade de deuses. Por esse motivo os católicos se voltam para um Deus tão ínfimo: porque têm pluralidade de deuses. Ao contrário, os espíritas não adoram senão a Deus, e em Deus reconhecem o autor de todo o criado e crêem que a caridade e a ciência são a síntese do progresso universal.

Novo tropeço do sacerdote que a terrível andaluza se encarrega de fazer notado, sempre sem perder a sua compostura, em sua atalaia racionalista.

Manterola: — Sabeis por que Deus ama a Humanidade, apesar de haver esta sofrido a horrível degradação da culpa? Sabeis porque a ama até o ponto de dar por ela seu unigênito Filho? Por que o Filho de Deus havia de sair da raça culpada e se achava em certo momento entre ela, como se encontra desde então. *Occisus ab gine mundi*.

Amália: — Ah! Então Deus não teria amado a Humanidade deste globo terreno se nela não estivesse contida, de certo modo, a essência de seu Filho? Por conseguinte, se Cristo não tivesse vindo a este mundo, Deus não teria amado à Humanidade, criada por ele, pois foi culpável, dando-lhe o livre arbítrio para cair na tentação ou salvar-se do pecado. Assim,

Deus é como um simples mortal: quer ou deixa de querer conforme determinadas condições. E o que é mais grave ainda, Deus cria o homem, lança-o no torvelinho da vida com liberdade de ação e se ama à Humanidade culpada, é por esta ou aquela razão... Senhor! Senhor! Perdoai a quem não sabe o que diz!

Setecentas e cinqüenta e oito páginas constituem o livro do sacerdote, mas as entregas se tornam cada vez mais espaçadas, decorrendo por vezes largos espaços de tempo sem dar a razão dessas falhas. É justamente à página 758 em que deixa escapar um despropósito em perfeito desacordo com o que vinha sustentando nas páginas anteriores.

Não há dúvida de que as réplicas de Amália faziam o eminente prelado perder a cordura.

Manterola: — Entremos em uma ordem de considerações que à primeira vista pode parecer atrevida, mas que vós outros, em vossa cultura julgareis exatas. Que fez Nosso Senhor Jesus Cristo durante sua vida mortal? Que prosélitos conseguiu? Quantas almas converteu definitivamente? Qual foi o efeito sensível, o efeito imediato da pregação do Salvador? E que feitos?! Quereis que eu vos diga? Imediatos e permanentes... nenhuns!!

Depois de três anos sim, de três anos de constante pregação, de fadigas sem fim, de copiosos suores, de privações de todo o gênero. Onde estão os povos, as nações que Ele converteu ao conhecimento e ao amor de Deus?

Morre! E depois de morto e enterrado, surgem em volta do sepulcro, como gigantescos fantasmas, o abandono, a desolação, o silêncio, o esquecimento... É o caos, o nada. Falando-se humanamente, a obra de Jesus Cristo fracassou por completo.

Mas, é isso injurioso ao Divino Redentor? De modo algum. É, pelo contrário a realização de um plano, a execução de seu pensamento eterno que o Verbo de Deus cuidou de anunciar ao mundo através de seus profetas. "Elevar-se-á — Cantou David. — como vergôntea que se ergue

do solo ávido. Não terá graça nem beleza. Curvado ao peso dos opróbrios, abandonado. Os homens e tudo virar-lhe-ão o rosto. Cobertos de ignomínia será tido por nada. Isaías denominado com razão "O Evangelista Antecipado" escreve: Seu sepulcro foi olhado como o de um perverso, e sua morte como a de um ímpio. Dizei, senhor comigo, sem temor de incorrer em blasfêmia: eis aqui Jesus Cristo como Deus. Aqui onde o homem termina, começa Deus.

Amália: — Ali onde termina o homem, começa Deus!... Que dizeis senhor Manterola? Acaso Deus começa??? O começo supõe um intervalo, um descanso, uma paralisação de ação. E o poder e a sabedoria de Deus não podem sofrer esses acidentes, acabar e começar. A Sua Onipotência é a sua atividade e exatidão indefinidas. Deus não se esconde e se mostra. Deus é o desconhecido, a manifestação eterna da força criadora. Os homens podem desconhecê-lo ou pressenti-lo, todavia Ele é imutável em sua essência e em sua ação. Assim como não há solução para o infinito, nem para o primeiro período do espírito, tão pouco pode existir para fixar o tempo das ações de Deus.

Ao chegar o senhor Manterola ao caudal de 592 páginas, parece que a fadiga se apoderou dele, pois não é entregue o texto restante. Amália, intrigada, escreve mais dois artigos sem que haja nenhuma novidade. Ela também está cansada e, até certo ponto, psicologicamente nauseada. O tempo é ouro para ela. Não lhe agrada prosseguir rebatendo aqueles argumentos chochos, pois o que já tinha dito, era mais do que o suficiente em defesa do Espiritismo, tanto como doutrina como em seu aspecto literário. Já havia publicado 33 artigos, com clareza e precisão. Já pusera uma calceta no ilustre sacerdote e, agora, deseja passar algumas semanas sem nada publicar, à espera que apareçam novos argumentos por parte de Manterola.

Finalmente aparece o 1 caderno do Satanismo, que apesar de ser uma repetição de suas conferências pronunciadas anteriormente, pretende oferecer motivos novos e de especial interesse, possivelmente por conter retoques obrigatórios depois das incisivas replicas de Amália. Só assim se

justificaria o atraso na aparição das entregas. Já que, — conforme o dizia a própria Amália, de certa feita, — não foi por apuros econômicos, visto que este fato nunca pode pesar para uma personalidade da Igreja Católica, a principal e tão apreciada pela sociedade de sua época.

Nas páginas deste folhetim a intenção é abordar os milagres realizados por Jesus Cristo e a importância de Maria no dogma em que é considerada a mãe de Deus.

Quanto a este tema, Amália esclarece no artigo XXXIV que não tem nenhum interesse em discutir o dogma, por considerá-lo o esteio quase que exclusivo da religião defendida por seu opositor. Cada qual com o que lhe pertence! O que interessa concretamente é lançar luzes nos pontos em que procura desmerecer o Espiritismo, lançando mão de raciocínios muito pouco... racionais.

Com um pouco mais de regularidade aparecem o XX e o XXI folhetins, sempre pautados pelo dogma.

Diz Amália em seus artigos que deixaria tudo aquilo para ser discutido pelos próprios membros da Igreja, uma vez que, para ela (Escreve possivelmente algo aborrecida com toda aquela cascata de palavras abstrusas), aquilo está muy lleno de palabras y muy vacío de hechos. Mulher positiva, firma-se nos fatos, nas realidades positivas e nunca no labirinto da complexa interpretação das coisas sagradas.

A imortalidade da alma e a pluralidade das existências, é agora o tema, tal como se pode ler nas páginas 688 do El Satanismo, e que oferece motivos a Amália para uma réplica firme e lógica, valendo-se do concreto existente na refutação.

Manterola: — O Espiritismo discute a negação do espírito e da imortalidade da alma, nega uma vida futura, o germe fecundo de todos os males que afligem a sociedade humana e quer resistir aos funestos resultados do materialismo, estabelecendo como dogma indiscutível, a pluralidade das existências de cada homem. Mas, por que valer-se da pluralidade de existências para cada ser? Por que? Para explicar, diz-se, a razão primeira de tudo quanto ocorre no mundo e o verdadeiro sentido de todas as verdades consignadas na lei Moral de Jesus Cristo. Segundo o Espiritismo, essa pluralidade de existências se harmoniza com a lei moral de Cristo, o qual disse: Bem aventurados os que choram, pois que serão

consolados! Bem aventurados os que choram? O Espiritismo explica o porquê das lágrimas e dos sofrimentos, procurando oferecer um consolo. O homem sofre porque vem para sofrer, porque tem pecados a expiar, cometidos em existências anteriores. Por isso não deve entregar-se à desesperação, pois que, suportando virilmente as provas da existência atual, ter-se-á consolado passando a uma existência melhor. Se ao materialismo não pudemos opor-lhe a idéia de uma vida futura, tal como a afirma o Espiritismo, seguramente, meus irmãos, não conseguiremos dar um único passo à frente nos caminhos da regeneração moral do mundo.

Amália: — Julga o senhor Manterola, mais moralizador o tormento eterno da alma que o progresso eterno do espírito? Acredita mais consoladora a terrorífica perspectiva da morte sem nenhuma esperança, do que a certeza na clemência de Deus...? Se ao materialista dissermos: és um pecador relapso, e, segundo o dogma católico se não abjures os teus erros, a Igreja não te oferece mais que a eternidade da dor: segundo a escola espírita, tens o infinito por patrimônio e o tempo para pensar e trabalhar, elevando-te do seio da ignorância ao capitólio da ciência. Qual destes dois caminhos é mais a propósito para o incréu? O de uma conversão às cegas, o de um ato violento, o de um arrependimento forçado ou o trabalho do raciocínio, ou o aprendizado da razão, dando tempo ao tempo, visto que a fruta não amadurece se a colhermos fora do tempo certo? O trabalho, senhor Manterola, o tempo para progredir é o único de que necessita a humanidade, para se regenerar, e nunca de uma instituição que atemoriza. A escola teológica inspira o medo, porém jamais o respeito.

Vamos saltar sobre páginas e páginas em que os argumentos de Manterola parecem pálidos e sem solidez, enquanto a literatura de Amália se revela clara, fascinante à leitura, pois que o seu estilo não é o de uma mestra mal-humorada de vara à mão, por mais profunda seja a questão.

Até que ela escreve o seu artigo n.º 42, 784 páginas! E Manterola lhe diz:

Manterola: — O que não me cansarei de repetir é que entre os

fenômenos espíritas alguns há que, para sua explicação racional e satisfatória, exigem necessariamente que se admita uma causa inteligente além do homem e, por conseguinte, da alma humana. Isto suposto, pode ser questionável que os médiuns e os evocadores e quantos concorrerem às sessões espíritas, se põem em relação com o demônio? É duvidoso que haja pacto, se não explícito, pelo menos implícito, pois que está na própria natureza das coisas que haja esse pacto entre o Espiritismo e o espírito infernal? Se assim foi, por que não o será agora? Sim, a história sagrada está plena desses mesmos fenômenos que, há alguns poucos anos estão sendo acolhidos com um sorriso de desprezo, como se acolhem as fancarias. Entretanto, se esses fenômenos existiram sempre, com maior ou menos freqüência e em maior ou menor extensão, por que não se produziram em nosso tempo?

Amália: — Que importa. que o Senhor e os seus digam que é preciso combater o Espiritismo, se ao mesmo tempo que o combatem dizem que são verdadeiros os seus fenômenos, pois com maior clareza não poderiam afirmá-lo quando que: "entre os fenômenos espíritas alguns há que, para sua explicação racional e satisfatória, exigem necessariamente que se admita uma causa inteligente muito superior à do homem e, por conseguinte, da alma humana" . Vossa Reverendíssima acrescenta depois que é o demônio a causa daqueles efeitos inteligentes... Quem, hoje em dia, crê no demônio, senhor Manterola? Ninguém que tenha senso-comum. O senhor é um homem de talento, de iniciativa, de ação, não é, como se diz vulgarmente um cura de missa y olla (*). Absolutamente. Há em Vossa Eminência gênio e erudição. Se a sua caneta deslizesse pelo papel obedecendo, realmente, aos vossos pensamentos, estamos plenamente convencida de que poria Satanás de lado, visto que a civilização o sepultou desde há muito e se encontra entre as sombras do esquecimento.

(*) *Olla* — Cozido de carnes, toucinho, legumes e hortaliças muito apreciado na Espanha.

Garibaldi (**) entra por esse tempo em cena como uma fonte de

poderosa inspiração, conforme pode-se ler na página 788 de *El Satanismo*.

(**) *Garibaldi, Giovanni. Patriota italiano nascido em 1807, desencarnado em 1882. Poucos sabem das aventuras espíritas de Garibaldi. É mais conhecido por ter-se unido a Mazzini no movimento de libertação da Itália. Devido ao fracasso, teve de fugir para o Brasil (1834) onde participou do Movimento separatista do Rio Grande do Sul. No Uruguai lutou em favor de Rosas. Casou-se com a brasileira Ana Maria Ribeiro da Silva, mais conhecida por Anita Garibaldi.*

Com a mulher retornou à Itália e, após a derrota do Exército da República Romana, o qual comandava (1849), fugiu para os Estados Unidos. Retornou a fim de lutar pela unificação Italiana (1854) . Invadiu a Sicília, entrou na Península e expulsou Francisco II da Áustria. Realizada a união da Sardenha e das duas Sicílias, retirou-se para uma ilha onde viveu algum tempo afastado da agitação política. De 1862 a 1867, tentou, sem êxito, invadir Roma. Durante a guerra franco-prussiana, serviu no exército francês. Finalmente conseguiu ser eleito deputado por Roma (1874) . Escreveu: "Clélia; Autobiografia; etc.. A notícia de que Garibaldi era espírita já se encontra em "Luz y Union", do ano X, 1909. A página 125 lê-se: "L'Adriático", o grande periódico de Veneza, conta por que e como Garibaldi se tornou espírita. Eis a súpula: "Garibaldi sempre acreditou na imortalidade Da alma humana. Em suas memórias escreve: "Há na memória do ser humano alguma coisa que não podemos entender nem explicar, mas que é real. É, sem dúvida, essa chispa minúscula, promanada do Infinito e que reside em nossa pobre e miserável envoltura, fora do contacto de nossos sentidos e do alcance de nossa vista".

Suas convicções levam-no a admitir a preexistência da alma, da reencarnação e, a propósito de seu encontro com Anita, diz que ambos caíram em êxtase, silenciosos, olharam-se como duas pessoas que não se viam pela primeira vez e procuravam recordar suas fisionomias já conhecidas.

Garibaldi era espírita. Sentia um estranho poder místico, que se fazia sensível também em Anita, e os "camisas vermelhas" quando os levava a sacrificar suas vidas pela liberdade. Teve provas de vidência durante o sono. e, de certa feita, em pleno mar, assistiu aos funerais de sua mãe, que, àquela hora se realizavam em Niza.

Até o fim de sua vida, Garibaldi foi um espírita convicto. Com efeito o professor Damiani escreveu: "Em uma conversa que tive em Roma com esse grande homem, por fim tocamos no Espiritismo. Ele participou conosco a divina Filosofia". É de grande interesse recordar aqui seu famoso slogan: "Essa religião da razão e da ciência, se chama Espiritismo". Místico a princípio, espírita em seguida, sentia verdadeira repulsa pelos padres. De Veneza escrevia aos seus amigos. "Fazer guerra aos padres, sob qualquer pretexto, (e são tantos!) é realizar uma tarefa santa. Sua ojeriza pelos curas advinha de que eles abafavam a liberdade de pensar

na família, nas escolas e onde quer que dominam". Talvez seja por isso que tenha entrado na polêmica de Amália.

Manterola: — É um fato perfeitamente comprovado e eu venho aqui dizer a verdade, toda a verdade, pois que sou um devedor da verdade que não é um mistério para ninguém que existe um plano preconcebido, uniforme e, por conseguinte, de verdadeira solidariedade entre as sociedades secretas e os chamados solidários dessa seita tremenda, verdadeiramente satânica, cujo objetivo é evitar que os católicos moribundos recebam os sacramentos e que seus cadáveres sejam enterrados com ritos religiosos. Não é um mistério, e desejo que o saibais. Os centros espíritas não os que se intitulam centros, os verdadeiros centros estão em relações diretas, contínuas com Garibaldi. Suas palavras de ordem são: Roma ou morte! Isto é o Espiritismo.

Amália: — Foi necessário que o senhor Manterola nos fizesse saber que o Espiritismo tem palavras de ordem (*), pois que essa frase Roma ou morte, é a primeira vez que a ouvimos. Até agora sabíamos apenas que o lema do Espiritismo é Progredir para Deus através da caridade e da ciência, e que sem caridade não há salvação. Todavia esse santo y sena tão significativo e tão colérico era-nos desconhecido por completo.

() Palavras de ordem: significa "senha", "divisa", ou, como se diz atualmente, "Slogan".*

Seguem páginas com recomendações especiais para os acólitos do Catolicismo, a fim de que não se deixem surpreender pela tentação espírita. Assim, às páginas 808 de *El Satanismo*, pode-se ler:

Manterola: — Comentário delicioso das palavras do apóstolo é aquela graciosa frase do grande padre da Igreja, Santo Agostinho, na qual, comparando o demônio a um cão raivoso, atado com fortes cadeias, diz que pode ladrar, porém nunca morder senão a quem dele se aproximar o bastante. É certo! Essa corrente é a limitação que Deus lhe impôs. Essa corrente está sustentada por uma mão onipotente. Não nos inquietemos pois! O demônio nada poderá contra nós senão o que lhe permite o Senhor e isso há de ter por efeito um maior bem para nossas almas, se nós

mesmos quisermos.

Amália: — Pois então, senhor Manterola se o demônio nada pode fazer contra os católicos, se isso não o permite o Senhor, esse fato há de redundar em maior proveito para vossas almas se assim o quiserdes. Então, por que vos preocupais tanto com algo que não a prejudicará, pelo contrário, redundará em seu proveito?

O sacerdote continua trabalhando e já havia escrito 825 páginas — excessivas para um livro de formato comum e que caiu logo no esquecimento. Nelas pode-se ler um interessante comentário que, longe de favorecer as idéias sustentadas, funde-as e obriga o próprio expositor a fazer um jogo de sofismas para alcançar sua intenção de demolir o argumento muito complexo em favor dos espíritas, como se pode constatar no texto que se segue:

Manterola: — Em todos os séculos do Cristianismo, encontramos pessoas mais ou menos impregnadas pelo espírito satânico. Em todos eles descobrimos a intervenção de Satanás até chegarmos ao século XIX. E neste século há certos fenômenos em que se constata a presença e a intervenção do diabo. Citarei um único nome: Mr. Home (*). Veio da América e desembarcou, em primeiro lugar na Inglaterra. Já na América se tornara famoso por realizar fenômenos realmente surpreendentes. Foi visto, mesmo sem querer, por em movimento mesas sobre as quais pessoas assentavam-se e, sem nenhum auxílio, manter-se volitando no ar. Mencionou coisas que eram guardadas em absoluto segredo e que foram confirmadas pelas pessoas que as conheciam. Foi visto, em uma palavra, ser taumaturgo de Deus, taumaturgo de Satanás.

() O sacerdote faz menção a Daniel Dunglas Home, cuja biografia já temos traduzido e que logo estará nas mãos dos leitores.*

Logo em seguida desembarcou na Inglaterra onde foi recebido nos salões da aristocracia, sendo convidado incessantemente, pois Sr. Home entretia grandemente os presentes produzindo fenômenos que não podem ser explicados de nenhuma maneira, indo de encontro às leis conhecidas da Natureza.

Falo da natureza, das forças naturais do homem, — continua Manterola com larga tirada, — pois que bem sei eu que o que não é possível à natureza do homem, é possível à natureza Angélica. Home visitou as capitais da Europa, esteve na Bélgica, na Itália, Rússia. Ultimamente voltou a Londres e, desta capital, mais tarde, repetiu uma visita à Itália onde, com o dom de profetizar, soube de uma morte que acabava de ocorrer em uma região longínqua da América. Era recebido nas Tullerias. Napoleão III tinha grande prazer em recebê-lo. O Czar da Rússia também o convidava freqüentemente e com especial deferência. Na Rússia casou-se com a irmã de uma condessa. Veio a Paris em 1856. Já percebestes que falo de acontecimentos recentes e de domínio público.

Tendo abandonado o Espiritismo, perdeu sua mediunidade e não pode mais obter nenhum fenômeno, pois Mr. Home não é um impostor, um charlatão. Era um verdadeiro espírita. Deus nosso Senhor tocou seu coração, elegeu o sábio e santo jesuíta padre Rabignac, célebre pelos formidáveis prodígios que realizou em Santa Maria de Mordau, em Paris. O padre Rabignac o instruiu na doutrina católica, pois Home tivera a desgraça de ser educado no protestantismo. Reconciliou-se com a Igreja e iniciou uma vida em aparência perfeitamente católica. O padre Rabignac continuava sendo seu diretor espiritual. Aí temos um médium espírita que, depois de assombrar o mundo, por fim se reconcilia com a santa igreja de Deus e abandona todas aquelas práticas supersticiosas.

Todavia, — Continua Manterola. — digo-vos com profunda dor: um ano se tinha transcorrido e Mr. Home, solicitado novamente pelos espíritos, voltou às suas antigas práticas. Vãmente o padre Rabignac, com o dom magnífico de seu espírito elevado, fê-lo ver que estava caminhando para o abismo, que deslizava para a ruiva. Então Mr. Home continuou em sua tortuosa senda, marcada por Satanás. Continua sendo médium espírita e assombra o mundo com os prodígios de suas faculdades.

Depois desse funesto retrocesso ao Espiritismo foi que contraiu matrimônio na Rússia, o qual, como podereis compreender, tornou difícil sua nova conversão à Verdade.

Amália: — Mil graças vos dou, senhor de Manterola. Uma voz tão autorizada como a vossa, um homem de vossa estatura e de vosso valor, necessitava do Espiritismo para proclamar as verdades de seus inegáveis

fenômenos. Já não cabe dúvida de nenhuma espécie. As manifestações dos espíritos são uma verdade indiscutível que, sob sua autoridade, atesta um padre moderno da Igreja Romana. Certo é que a Divina Providência utiliza todos os homens quando chega o momento de difundir a luz! Nada mais refratário ao Espiritismo que o ultramontanismo! Um distinto orador ultramontano disse na cátedra do Espírito Santo, que o Espiritismo é uma verdade. Quando chegam as crises supremas, — sublinha Amália se aproveitando das próprias palavras de Manterola, as horas decisivas, quando os grandes deixam sua crisálida para converterem-se em borboletas, e lançar vôo rumo ao infinito, os cegos vêem e os mudos falam, pois que as transições religiosas e filosóficas que modificam a face dos povos exige que todos as vejam e as compreendam para entoarem, uníssonas a hosana universal.

Em má hora dirigiu o sacerdote Manterola o alvo para onde iria atirar os seus dardos e tentar abater as idéias espíritas.

Daniel Dunglas Home, com efeito, é justamente uma das mais sérias expressões humanas indicadoras da existência desse mundo supranormal no qual Amália apoiava suas convicções. Manterola intenta o enfoque do assunto para manejar argumentos de peso em favor de sua tese combativa. Estas porém, não podem suportar tão grande gravitação em seu desfavor.

Sir Arthur Conan Doyle, que se ocupou com cuidado do assunto, em seu grande livro, O ESPIRITISMO, apresenta o médium escocês, escrevendo ao fim de sua nota biográfica referente a Home que... Aquele homem foi um dos paladinos do progresso da Humanidade vencendo a ignorância.

A seriedade científica que confirma a realidade dos fenômenos produzidos por esse médium dotado de faculdades prodigiosas, foi testemunhada, entre outros por homens do porte do Professor Welles da Universidade de Harvard e pelos professores Hare e Mapes, assim como pelo Juiz Edmond. Nenhum desses homens hesitou em divulgar aos quatro ventos, desafiando o cerrado convencionalismo de sua era, rubricando suas declarações em hípidas condições de teste científico, a

realidade dos fatos produzidos por Home.

Desde os três anos era dotado de uma extraordinária personalidade e apresentou manifestações de suas faculdades singulares. Com efeito, nessa idade fez um pacto com um amiguinho de infância, combinando que o primeiro a falecer apareceria ao outro nesse mesmo momento, para anunciar o ocorrido.

Achando-se distanciados um do outro, uma noite, ao deitar-se, Daniel viu formar-se a imagem de Edwin tal como fora combinado. Ao completar 17 anos teve também a visão de sua mãe que agonizava. Encontrando-se muito distante da casa paterna, a progenitora surgiu-lhe ante os olhos estupefatos.

Na ocasião vivia com uma tia que tomara a seu cargo a educação do rapazinho. Depois de ocorrer esse fenômeno, começou-se a ouvir na casa golpes surdos. Outras vezes os móveis se movimentavam em uma misteriosa dança que deixou a tia tomada de espanto e, supondo que aquilo se devia a seu sobrinho, julgou que ele atraía para si influências demoníacas. A supersticiosa senhora, tomada de pavor, expulsou o adolescente de sua casa, não pensando que o deixava ao desamparo e na miséria.

Não obstante, desde então, começou para ele a sua carreira pública, pontilhada de inumeráveis incidentes de todo tipo. O certo é que sua mediunidade, — Home possui-a em todos os matizes possíveis, — era exercida com pasmosa facilidade, inclusive do aspecto da cura que não pode ser suficientemente desenvolvida, pois que ele próprio estava atacado pela tuberculose.

Nunca cobrou um único cêntimo pelo exercício de suas faculdades e, as mais das vezes as experiências eram realizadas com zelo científico, por eminentes personalidades, sacrificando sua saúde minada. De certa feita, o Club Union de Paris lhe ofereceu duas mil libras esterlinas por uma única sessão. Embora pobre e enfermo, recusou o oferecimento, explicando.

— Fui enviado para realizar uma missão. — E acrescentava para aclarar sua atitude. — Minha missão é demonstrar a imortalidade. Nunca sobreí dinheiro por isso e jamais cobrarei.

Por isso punha-se à disposição para toda a espécie de experiências

sérias, as quais estão narradas em um livro por ele próprio editado e que tem por título Incidentes de minha vida. Diz-se que, levado por sua extrema sensibilidade e recato, não consigna os nomes dos grandes cientistas que o tiveram sob controle, visto não estar certo de que, socialmente, não o comprometia. Uma revista muito em voga, interpretando sarcasticamente certas iniciais existentes no livro, insinuou a suspeita de que fossem falsas. Pouco depois vieram à luz os nomes completos de pessoas da alta sociedade, com títulos nobiliárquicos e que o autorizavam a defender-se das suspeitas insidiosas.

O grande cientista, Sir. David Brewster (*), o notável inventor do Caleidoscópio e do estereoscópio por refração, bem como dos discos segmentados usados nos faróis, fundador da "Associação Britânica para o Progresso das Ciências". Comentando as magníficas provas obtidas com Home à plena luz do dia, diz:

— Isto põe por terra o que a filosofia sustentou nos últimos cinqüenta anos.

() Brewster, Sir David, (1781-1868) . Uma curta experimentação do famoso cientista no terreno do Espiritismo, em 1855, resultou em uma amarga acrimônia pública. O médium Daniel Dunglas Home foi-lhe apresentado por Lord Brougham. Uma sessão foi realizada na residência de Mr. Cox, um palácio situado em Jermyn Street, da qual Mr. Cox participou. Os dois homens se mostraram profundamente impressionados. Home escreveu a um amigo na América descrevendo a visita e comentando que era impossível explicar o fenômeno por meio de recursos naturais. A carta foi publicada e comentada em um jornal americano e chegou à imprensa britânica. Sir David Brewster que, nesse meio de tempo, havia assistido a uma outra sessão em Ealing, na residência de Mr. Rymer, um procurador londrino, imediatamente escreveu ao "The Morning Advertiser", o qual publicou a carta desacreditando violentamente toda e qualquer crença no Espiritismo e afirmando que todos os fenômenos não passavam de impostura. A carta terminava dizendo: "Vi o bastante para satisfazer a mim mesmo e estou certo de que tudo não passa do trabalho de mãos e de pés humanos".*

Uma calorosa controvérsia se iniciou. Cox escreveu ao "The Morning Advertiser" desmentindo sir David Brewster e citando a sua expressão de perplexidade: "Isto põe por terra o que a filosofia afirmou nos últimos cinqüenta anos". Sir David Brewster replicou que não lhe fora permitido olhar por debaixo da mesa. Nisto ele é desmentido por Cox e um conhecido autor, T.A. Trollope, que estava também presente na sessão realizada em Ealing. Em seguida outro testemunho, desta vez de Benjamim Coleman, afirmava que Sir David Brewster

admitira a realidade dos fenômenos em uma conversa particular que veio a ser publicada. Sir David Brewster redarguiu com tom acrimonioso, fez uma descrição da sessão por inteiro e declarou que... "possivelmente, na ocasião, supus que Espíritos tinham feito os ruídos; conjecturo porém se as batidas foram realizadas pelas juntas dos pés de Mr. Home; é possível que, então, eu tivesse a impressão de que os espíritos erguiam a mesa, mas conjecturo que isso foi obtido pelos pés de Sr. Home, os quais estavam sempre sob a mesa"... Mais adiante diz que os espíritos não realizavam nenhum fenômeno em cima da mesa mas que eram muito ativos sob uma mesa grande e redonda, recoberta por uma grande toalha, por debaixo da qual ninguém podia olhar. Depois de contar que uma sineta de mão que se encontrava perto dos pés de Mr. Home se movimentou e fora ter às mãos de Lord Brougham, ele concluiu dizendo: "Como essas coisas eram produzidas, nem Lord Brougham nem eu sabemos e podemos dizer, mas eu conjecturo que elas podem ter sido produzidas por alguma máquina presa aos pés de Mr. Home".

Enquanto tudo isso era publicado, Lord Brougham conservava um inflexível silêncio. Sir David Brewster não o convocou, mas isso foi feito por D. D. Home. Lord Brougham prometeu dar o seu testemunho mas não cumpriu o prometido. A conversa entretida pelos dois homens, entretanto, é transcrita pelo escritor Sergeant Cox no seu livro "What Am I?", afirmando que Lord Brougham lhe dissera taxativamente: "Nós ambos estamos perfeitamente satisfeitos no sentido de que não havia mistificação e que um poder desconhecido entrava em ação. Eu disse: "Bem, Brewster, o que você pensa disso?" E ele me respondeu: "There are more things in heaven and earth, Horatio, than are dreamt of in our philosophy". (Trata-se de uma frase de Shakespeare, muito usada e que pode ser traduzida: Há mais coisas no céu e na Terra, Horácio, que não pode sonhar a nossa filosofia".) Lord Brougham igualmente declarou que Brewster nunca lhe disse que havia mudado de opinião. O único motivo pelo qual não prosseguira no exame dos fenômenos era por estar assoberbado por experiências no campo da óptica e não lhe sobrar tempo.

O Conde de Dunraven no prefácio de seu livro à edição privada do livro de Lord Adare que registra as experiências com D.D. Home, expressa a sua convicção de que Sir David Brewster agiu por medo do ridículo. Escreve: "Ele esteve presente em duas sessões com Mr. Home e nas duas vezes afirmou em testemunho por escrito, feito pelas pessoas presentes, sua impressão de que os fenômenos eram espantosos e surpreendentes e que ele não levantou nenhuma dúvida quanto à sua legitimidade, mas fê-lo mais tarde de ofensiva maneira. Eu menciono essa circunstância por que estava tão impressionado com o que Sir. David Brewster — com o qual eu era bem relacionado, — tinha espontaneamente dita a mim que, por isso, fui influenciado a examinar acuradamente a realidade dos fenômenos".

Em 1863, o livro de Home "Incidents in My Life" foi publicado. Nele Home apresenta provas de que Sir David Brewster dispensava a alguns cientistas, seus

contemporâneos, de maneira depreciativa relativamente a ele próprio. Brewster ameaçou acioná-lo mas bem cedo, em segunda edição, Home aumentava essas provas e ele não mais quis voltar à questão. O final dessa curiosa questão vem no livro da filha de Brewster, "The Home Life of Sir David Brewster", publicado em 1869. Mrs. Gordon transcreve uma nota do diário privado do cientista, onde são narrados os fenômenos por ele presenciados na companhia de Lord Brougham nos seguintes termos: "Por fim fui a uma sessão com Lord Brougham, na qual atuava o médium de "raps" (batidas) Mr. Home, um rapaz de 20 anos filho de um irmão do falecido Conde Home. Ele vive na mansão de Cox, em Jermyn Street e Mr. Cox que conhece Lord Brougham, convidou-o a assistir a uma sessão e a mim, para acompanhá-lo, com a finalidade de descobrir que trapaça era empregada. Nós quatro nos assentamos em uma mesa de regular tamanho, cuja estrutura fomos convidados a examinar. Em breve a mesa estremeceu e se movimentou rodando e movimentando nossos braços. Alternativamente os movimentos cessavam e recomeçavam. Incontáveis batidas foram vibradas em todas as partes da mesa, e ela ergueu-se no ar sem que nenhuma mão estivesse sob ela. Uma mesa grande foi substituída pela menor e se produziram movimentos similares. Uma pequena sineta de mão foi então posta virada de borco no tapete e depois de permanecer imóvel algum tempo, pos-se a vibrar sem que ninguém a tocasse. A sineta foi então posta do outro lado, sempre sobre o tapete; ela veio até onde eu estava e se pôs em minha mão. O mesmo sucedeu com Lord Brougham. Essas foram as experiências principais. Não pudemos dar explicação para elas ou conjecturar como se produziam sem nenhuma espécie de maquinismo".

É preciso notar que em sua carta endereçada ao "The Morning Adverti-ser" Sir David Brewster afirma expressamente que a sineta não produziu nenhum ruído e que a mesa "pareceu" erguer-se. Uma cuidadosa comparação entre os dois testemunhos revela outras muitas discrepâncias que o "The Spectador" menciona em uma crítica ao livro de Home, terminando por dizer: "O herói das ciências não estava certo de si mesmo como poderíamos supor ou desejar".

Os fenômenos de levitação havidos com Home não têm similares, pois em sessões à luz do dia era visto levitando até alcançar o forro do aposento, sair por uma janela com seu corpo em posição horizontal, permanecer algum tempo no ar em pleno vazio e retornar ao seu lugar. Estas demonstrações, e muitas outras, divulgadas em extensa literatura especializada, foram presenciadas e constatadas por pessoas de funções públicas e notórias, como o próprio senhor Manterola afirmou. Além das valiosas referências científicas de apreciável valor, que certificaram os fatos, é preciso mencionar outras que, por sua posição, podem também ser

tomadas como documentos e prova de inestimável valor, como, por exemplo, Napoleão III, a imperatriz Eugênia, o Czar Alexandre, o Imperador Guilherme 1 da Alemanha, os reis de Baviera e Wurtemberg, sem mencionar outras de menor expressão pública, porém não menos notáveis.

Em uma conferência feita por Home no Willis Hall, de Londres no dia 15 de fevereiro de 1866, sintetizou com esta frase sua atuação:

— Creio de todo o coração que essa força se desenvolve mais e mais a cada dia, aproximando-nos de Deus. Se me perguntares se com isso nos tornamos mais puros, responderei apenas que somos imortais e, como tais, estamos sujeitos ao erro. Que os mais puros de coração — concluía Home, — ensinarão os deveres que têm para com o próximo e que, segundo o que semeiem, dependerá a colheita. A todos nos ensinará a resignação, dissipará as nuvens do erro e atrairá a esplêndida aurora de um dia sem fim.

Este grande homem, que deu perfeitas mostras da existência do mundo espiritual e da possibilidade de uma relação direta com o mundo material, faz parte da lista em que se integram os grandes médiuns, tais como Florence Cook, Elisabeth D'Esperance, Eusápia Palladino e, mais recentemente, Francisco Cândido Xavier e muitos outros dotados de maravilhosas faculdades supranormais.

Ocupar-se pois, deste tão original personagem em uma campanha como a que foi empreendida por Manterola, não podia deixar de ser uma difícil tarefa, principalmente tendo-se em conta que a tese que sustentava, antes, no púlpito, e em seguida em livro, carregada de preconceitos e convencionalismo mais do que de idéias, conceitos, fundamentos, não correspondia ao que com insistência, a sua contendora lhe pedia.

Talvez tendo fé no poder de sua capacidade discursiva, o sacerdote buscasse a prova, sem prevenir-se com argumentos suficientemente poderosos como teria sido necessário para sustentar tão elevada polêmica.

Em suas grandes tiradas, contradiz-se por momentos, repete coisas que mais parecem ditas em favor do que contra o assunto focado. Assim, lê-se às páginas 835 e seguintes, entre outros dados estritamente biográficos que se referem a Home quando é expulso da casa de seus tios, depois dos

intrépidos provocado por suas faculdades:

Manterola: — O fato é que o menino foi abandonado por seus tios e ficou sem apoio, sem fortuna e sem nada que pudesse recomendá-lo à vista dos mortais. Isto é o começo da vida de um prestidigitador? — Inquire Manterola criando um singular suspense... E responde a si mesmo. — Não! O prestigitador teria feito muito melhor do que fez Home. O prestigitador não abandona sua situação de segurança para lançar-se à aventura. — Remata sua opinião com uma verdade que o honra. — Home jamais teve lucros com seu ofício.

Mas, como trata o senhor de Manterola o assunto Home para colocá-lo no pichamento do Espiritismo? Lendo os parágrafos que se seguem, saltando por cima dos dados biográficos e históricos já conhecidos, como se pode constatar pelo seguinte:

Manterola: — Estes prodígios podem ser atribuídos a Deus? A Deus que os executaria por meio de seus anjos? Sabemos que os milagres de Deus como causa eficiente primeira, só podem ser feitos por Ele. Sabido é que nos verdadeiros milagres, brilham sempre estes três caracteres: utilidade, grandeza, dignidade, enquanto que nesses pequenos ou supostos milagres do Espiritismo notam-se estes três caracteres: inutilidade, puerilidade, bufonaria, visto que sempre unem o maravilhoso ao grotesco. De que servem essas mesas que adquirem um peso tal que todas as forças do homem não seriam capazes de levantar, e, em seguida, essa leveza absoluta que lhes permite ir de um lugar para o outro?

— Por que — Insiste. — esses milagres que servem para entreter a um público cheio de emoção? Para que tantos prodígios incessantemente ocorrendo, repetindo-se entre aqueles que se põem em relação com um dos maiores entre os espíritas? (*) Não é assim que Deus faz uso de sua onipotência. Deus nunca fez milagres a não ser para dar crédito à verdade do Cristianismo e à santidade de alguns dos seus servos. Há pois, temperança? Há, pois, como dissemos antes, utilidade, grandeza, dignidade? Eu insisto nisto, meus irmãos, — Prossegue ele. — porque aqui não me dirijo aos espíritas, mas aos católicos e se me perguntardes se o diabo pode fazer essas maravilhas e outras ainda, maiores, eu vos responderei: "Sim! E sabeis em que me baseio? Eu vos direi. As sagradas escrituras anunciaram os últimos dias deste mundo e o apóstolo S. Paulo,

em sua primeira carta a Timóteo, lhe diz que... "Naqueles dias surgirão falsos profetas sedutores, que ensinarão o erro e a doutrina dos demônios"... Em sua segunda carta ao mesmo discípulo, Timóteo, como se não tivesse sido bastante explícito na primeira, volta a falar desses falsos profetas que, consigo, convenceriam grande número de discípulos e que resistirão sistematicamente à verdade como Janes ou Mambré aos milagres do Faraó.

() Aqui o padre Manterola incide em erro. Daniel Dunglas Home, apesar de suas notáveis faculdades, dizia-se católico e, ao que os documentos que temos à mão levam a supor, nunca aderiu às fileiras espíritas.*

Sua adversária não necessita muito para refutar esses parágrafos:

Amália: — Não poderia ser mais explícito nem dar melhores detalhes o senhor de Manterola para provar que o Espiritismo tem médiuns realmente maravilhosos. E quanto à maneira de classificar os fenômenos espíritas, dizendo que se destacam por sua inutilidade, puerilidade, bufonaria, não são tão inúteis, pueris e bufões, pois que, para combatê-los os padres da Igreja vêm se ocupando com eles em sermões e escrevendo obras de 931 páginas. O valor de uma doutrina se calcula pelos meios que se empregam para refutá-la. Algo valerá o Espiritismo quando o clero ultramontano em massa se dedica com preferência em suas missões e em seus ócios literários a combater a escola espírita.

O livro vai chegando ao fim quando a Manterola ocorre entoar uma triste retratação pública, cantando o mea culpa que faz Amália recordar as palavras pronunciadas por um "distinto escritor" e que são as seguintes:

Manterola: — Os últimos mártires de todas as religiões, são os que sofrem o calvário mais tremendo, porquanto, sentindo que o solo treme sob seus pés, as antigas crenças multiplicam suas restrições e tornam extrema a sua influência. Aquele que, durante este último período de sua existência aceita sua dominação, contrai o dever de sofrer martírios e se submete à voluntária perda. Não é verdade que estamos entregues aos prazeres dos sentidos? Não é verdade que esquecemos por completo o cuidado com o espírito? Não é verdade que o temor a Deus se distanciou,

longamente, de nosso coração? Se o anticristo ou seus precursores encontram também em nós fácil acolhida? Coisa estranha é que haja prosélitos! Que estranho é que a defecção ameace se tornar universal! E o Espiritismo nada fez às ocultas. O Espiritismo, através de fórmulas muito suaves e doces, inspiradas pela mansuetude aparente, e hipócrita, deixa perceber, não obstante, uma horrível ameaça. O Espiritismo nos ameaça como a religião do futuro, entretanto não é a única ameaça. O Espiritismo não só ameaça a religião, ameaça a existência material da sociedade humana.

Que devemos inferir de tudo isto, meus irmãos? A necessidade de que reformemos nossos costumes; de que tornemos cristã a nossa vida que não é cristã, esta vida sensual, que rende culto à matéria. Esta não é uma vida cristã, esta não é a vida do que morreu na cruz em meio aos horrores de um afrontoso suplício. Não, senhores, não! Não nos enganemos. Esta não é uma vida cristã! Convenhamos em que os inimigos da religião são mais conseqüentes do que nós. Eles, pelo menos não reconhecem os dogmas severos nos quais fazemos profissão de crer. O materialista rende culto à matéria, visto que, para ele, nada mais existe do que a matéria. Há lógica no erro, há lógica na perversidade, mas, haverá lógica conosco? Em nós, os católicos, em nós os filhos da Igreja? Onde está a lógica? Por isso os espíritas fazem uma acusação gravíssima quando dizem que nós não cremos no que ensinamos e isso vos dirão também: que não credes no que estais professando.

Não irmãos! Nós ensinamos aquilo em que cremos. Desgraçadamente não praticamos aquilo em que cremos, o que dá ocasião ao inimigo para que ponha em dúvida a nossa fé.

Amália: — E como não por em dúvida senhor de Manterola? O que dá vida à crença? A verdade inegável dos fatos, a realidade matemática de seus convincentes efeitos. Sem isto a palavra é letra morta, a teoria sem a prática é a utopia perdida no campo das hipóteses. Por isso o ultramontanismo perdeu sua antiga preponderância, pois seus adeptos não sustentaram um bom exemplo e boas obras, puramente evangélicas, que são a coluna mestra de sua fé. E vós mesmo, senhor de Manterola, isso confessa, ingenuamente, e se submete a perder, vendo que, em realidade, a causa do obscurantismo é julgada pelos homens e sentenciada pelo

tempo, sem nenhuma apelação.

E se o tempo, — sublinha intencionalmente Amália, — esse ancião da criação, esse testamenteiro do infinito, esse eterno agente da Providência, se o mudo testemunho dos séculos não tivesse sentenciado o obscurantismo, senhor de Manterola mesmo firma a sentença da Igreja tradicionalista, escrevendo às páginas 861 de *El Satanismo*: "É a verdade. E por mais que nos confunda devemos confessar isto: que estamos anestesiados, que somos crentes a meio. A verdade é que há os católicos de boa fé e talvez piedosos ferventes, que julgam conveniente transigir até certo ponto com as correntes do século atual. A verdade é que até nós, os eclesiastas cometemos, talvez, a estupidez de muito boa-fé, (sem dúvida, porém sempre uma estupidez), de pretender ocultar certos dogmas odiosos da doutrina católica".

Se nós, os espíritas, tivéssemos dito que a doutrina católica teria certos dogmas odiosos, os ultramontanos retrucariam que somos miseráveis impostores. Mas, quando a confissão parte de um dos seus mais notáveis ministros, é-se obrigado a admitir que a doutrina católica tem certos dogmas odiosos.

Diz-se, e muito bem, Arremata Amália. — que não é mau alfaiate o que conhece o pano!

O sacerdote prossegue imediatamente, exprimindo-se no mesmo tom, atirando seus dardos no mesmo alvo:

Manterola: — A verdade é que até mesmo os eclesiastas cometemos talvez a estupidez, de muito boa-fé, sem dúvida, porém sempre estupidez, de pretender ocultar certos dogmas odiosos da doutrina católica com a finalidade de atrair melhor os incrédulos. A verdade é que facilmente cedemos terreno quando se trata de certas questões que a antiguidade cristã atribuía ao demônio. A verdade é que nos fins do século passado algumas de minhas conferências teriam merecido, da parte de certos católicos, o qualificativo de produtos da mente de um visionário e demente. Não obstante viste que minha doutrina não é nova. Estudamos todos os séculos cristãos, invocamos de memória, não com invocações

sacrílega, as nobres figuras dos santos padres e de seus lábios recolhemos essas doutrinas.

E por que haveríamos de ocultar? Por que lançar a sombra do mistério, por que não dizer a verdade? Pois bem, senhores, quando o mundo chamado cristão estava entregue ao sensualismo, quando o mundo era, praticamente materialista, quando o mundo não se atrevia a falar no diabo e a ouvir essa palavra, talvez um sorriso assomasse em seus lábios; eis que Deus permite com sua magnanimidade ilimitada, que se vejam prodígios que não podem ser negados. Eis que aparece esse homem, Mr. Home, que já mencionamos em conferências precedentes, e percorre dois continentes, apresentando fenômenos que desesperam a ciência, pois que não são explicáveis pelas leis que estão a serviço do homem e de que ele pode dispor. É necessário contar, na realidade, com esse mundo invisível dos espíritos. É pois, necessário assim concluir, pois essa verdade deve ter algo de superior ao homem.

Eis aqui como se tornaram fáceis os caminhos para distinguir o sobrenatural satânico do verdadeiro sobrenatural. Deus tem Seus desígnios, vos disse, e preciso repetir. Deus não permite o mal senão para dele deduzir-se o bem. Deus não permite que o diabo execute operações diabólicas sem que estas dêem sempre lugar, em último termo, à maior glória de Deus e ao maior bem das almas que desejam permanecer fiel ao Senhor.

Não haveis visto, meus irmãos — Prossegue Manterola. — ou ao menos não tivestes notícias de católicos que, sem crer, por isso abdicam o nome de cristãos, sem mesmo merecer o nome de apóstatas e que, todavia, quiseram, por vã curiosidade, por-se em relação com o fluido ódico ou com as chamadas forças etéreas, e concluíram que esse fluido, essa força oculta era uma força pensante, era uma inteligência poderosa e não puderam perceber que a igreja chama de Satanás o que o Espiritismo chama fluido?

Pois que, — Exclama aparentemente vitorioso. — não foi isto um triunfo para a Igreja católica?

Mas a resposta de Amália, que se firma em dados concretos da evolução da civilização em suas conquistas científicas e filosóficas, pode sintetizar-se em seu primeiro parágrafo que diz:

Amália: — Chamais a isso triunfo, senhor de Manterola? Mas trata-se da lamentável confissão que a Igreja católica faz de sua ignorância. Essa vitória teológica é uma derrota científica. Confundir a verdade suprema com um mito incriado é o absurdo levado ao delírio.

A extensa exposição de Manterola chega a seu fim com uma exortação a Igreja Católica, à sua paróquia, no sentido de que se defenda das satânicas idéias em voga, descendo do plano de sua dialética para proferir um agonizante repto:

Manterola: — Foge Satanás, foge com tua vergonha às negras cavernas do Inferno. Foge malvado, arrastando essa pesada corrente, para onde te arrojou, Aquele cujo nome é Onipotente. Foge, mil vezes, foge com a lança da justiça divina pesando sobre ti, foge para tua eterna maldição e vergonha. Foge e agrega-te em tua ruína aos antros do Inferno. Deixa-nos cantar o hino de hosana ao sagrado Coração de Jesus. Foge! Venceu Galileu, venceu a cruz, venceu Jesus Cristo!

E não creias que ao abandonar-te nas regiões da dor e do desalento, perderemos de vista tuas pegadas, teus vestígios na Terra. Ah! Não! Enquanto a fé em Jesus Cristo brilhar em nossa alma, enquanto uma chispa sequer do fogo consumidor venha a devorar nosso coração, declaramos-te guerra aberta, sem tréguas, guerra no tempo, guerra na eternidade.

Amália: — Não tivemos a felicidade de ouvir o senhor de Manterola na maior parte de suas conferências. Sem perder a última, entretanto, tivemos a impressão de que tínhamos retrocedido séculos. Não nos parecia que usava da palavra o sacerdote do progresso, o ungido do Senhor. Não! Não falava por ele o homem de nossos dias, mas a sombra da Inquisição! O espírito de Torquemada parecia erguer-se naqueles instantes para convocar ao extermínio os povos oprimidos da Terra.

Em seguida o senhor Manterola tomou posse de si mesmo e narrou mil patranhas em respeito do franco-maçons que, por absurdas nem ao menos

merecem ser lidas. E concluiu, como era de esperar, anatematizando a imprensa. Os termos empregados pelo sacerdote, deslustram o jornalismo.

Manterola: — De que meios dispõe especialmente a propaganda satânica, cujo êxito não pode deixar de ser reconhecido por nós? Da imprensa principalmente, — afirma categórico o clérigo, demonstrando cabalmente que a atividade jornalística de Amália não caia no vazio. — da imprensa, do periodismo. Como venho disposto a dizer toda a verdade, é necessário esta saia, no alto desta cátedra sagrada. Haveria eu de ter consideração por interesses mesquinhos, interesses de empresas jornalísticas quando se trata da fé, quando se trata de interesses sagrados de nossa religião sacrossanta, quando se trata do culto a Jesus Cristo, quando se trata do céu, quando se trata da eternidade?

Não sabeis, meus irmãos, não sabeis que periódicos existem cuja razão de ser consiste em combater o catolicismo? Não sabeis, tão nova é para vós a idéia, que há publicações, diários que estão em todos os números saturadíssimos do espírito de Satanás? Não o sabeis? Eu vos pergunto, — Prossegue indagador. — quem sustenta essas publicações, quem a não ser os próprios católicos? Que vergonha! Os católicos inventam munições, inventam armas para favorecer o campo dos inimigos de Jesus Cristo. E não haveis pensado? — Prossegue rancoroso. — Se não haveis pensado, de que servem as vossas cabeças? Para que tendes entendimento?

Amália: — Para progredir, senhor de Manterola. Para isso a raça humana tem, hoje em dia entendimento. Há muitos séculos, saiu do idiotismo e da barbaria.

O homem se convenceu, — Arremata Amália. — de que tem o direito de pensar por si mesmo e quer fazer uso dessa legítima propriedade. Assim, pois, inúteis são os anátemas e as excomunhões. A violência teológica perdeu sua terrível soberania que, como bem escreveu um autor entendido: "Os encarregados de dirigir a religião oficial do Estado, esquecendo que, quanto mais esta influi nas esferas do poder, maior terreno perde nas consciências. E se estas não se põem de acordo com a razão, de pior maneira por-se-ão ao serviço da força".

Terminam neste ponto, após a exposição final de Amália, 931 páginas de textos, frutos da elocubração de Manterola e 46 artigos que editara com profusão sua ocasional opositora. Estes últimos estão recolhidos em um

livro que se transmitiu à posteridade como um valioso exemplo de réplica elaborada com alta dignidade e que, ainda em nossos dias, é lida com admiração. A literatura do sacerdote, visto não ter merecido o interesse de Amália, teve a vida efêmera das coisas destituídas de transcendência.